LIBRARY OF PRINCETON
NOV 10 2004
THEOLOGICAL SEMINARY

PER BR7 .U54

Znitas.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/unitas1941inst

N.º 4 — VOLUME XIX ABRIL, 1957

AUG - 9 1957
AUG - 6 1957
(No. 1-3 missing)

UNITAS

LAP

ARMARINHO PERFUMARIAS

MIUDEZAS PLÁSTICOS

MALHARIAS

PARA SUAS COMPRAS
CONSULTE

Daniel Silveira Silva
ATACADISTA

OFERECE OS MELHORES PREÇOS

Rua 25 de Março, 817
3.º andar - s/31 — S. PAULO

Rua José Prado Franco, 128
ARACAJU — Sergipe

ÚNITAS

Órgão Oficial do Instituto de Cultura Religiosa

Diretor — MIGUEL RIZZO JÚNIOR

Secretário — PAULO L. RIZZO

Redator — LAURO BRETONES

Colaboradores permanentes:

Jorge Goulart, Adauto Araújo Dourado, W. J. Goldsmith, Camilo Ashcar, Oscar Arruda, Alceu Maynard Araujo, Odilon Nogueira de Matos.

Assinatura anual ..... Cr$ 100,00

Número avulso ..... Cr$ 10,00

Endereço:

Rua Barão de Tatuí, 528 — Caixa Postal 7.203 — Tel. 51-7499

SÃO PAULO — Brasil

Em nome da Diretoria Nacional e do Conselho Deliberativo do Instituto de Cultura Religiosa, registro nesta edição comemorativa, as saudades que nos encheram o coração, com a partida do nosso companheiro Paulo Lício Rizzo para a mansão celestial.

CÉLIO DE MELO ALMADA
Presidente

IN MEMORIAM

Com saudade e justo orgulho dedicamos esta edição da nossa querida revista à memória de Paulo Lício Rizzo, nosso secretário, de 1952 *até à data do seu falecimento em* 11 *de março dêste ano. Esta edição lhe pertence. Foi tôda preparada por êle. Só lamentamos que êle não a possa ler da primeira à última página. Que ela seja uma inspiração para os nossos leitores. Aqui se encontram reünidas três facetas da personalidade de Paulo Lício Rizzo como escritor: o cronista leve e profundo, o comentarista seguro e espiritual e o poeta exuberante.*

Os redatores e funcionários de UNITAS:

Lauro Bretones
Jorge Goulart
Camillo Ashcar
Adauto Araújo Dourado
W. J. Goldsmith
Oscar Leite Arruda
Alceu Maynard Araújo
Odilon Nogueira de Matos
Iracema de Oliveira Camargo
Waldir Peres Marins

LIBRARY OF PRINCETON THEOLOGICAL SEMINARY
MAR 2 1 2012

PAULO LÍCIO RIZZO

"Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam"
Apoc. 14:13

Heureux ce qui sont morts d'une mort solenelle
— Péguy

Paulo Rizzo morreu no Senhor. Descansou das obras que o Senhor lhe pedira fizesse aqui. Agora suas obras seguem seu rastro luminoso pelos anos em fora até que nos encontremos com Jesus. Enquanto não chega êsse dia, vejamos quem foi Paulo Rizzo e que fêz êle para a extensão do Reino de Deus.

Ensina-nos a contar os nossos dias...

Paulo Rizzo nasceu em Campinas, São Paulo, em 23 de outubro de 1922 (dois mêses apenas mais novo que o escritor destas notas). Filho do Rev. Miguel Rizzo Jr. e sua senhora d.ª Maria Lício Rizzo.

Batizado pelo Rev. Henrique de Oliveira Camargo, na Igreja Presbiteriana do Braz, São Paulo, em 11 de abril de 1926. Em 3 de janeiro de 1937 foi recebido na Igreja Presbiteriana Unida, por profissão, pelo seu pai, Rev. Miguel Rizzo Jr., então pastor da referida Igreja.

Paulo fêz o curso ginasial no Instituto Mackenzie. "O Estado de São Paulo" que noticiou a formatura na sua edição de 23-12-1939, dizia: "Sentaram-se à mesa o Dr. Benjamim Hunnicutt, presidente do Mackenzie College, o Dr. Evaristo Valadares Costa, diretor do curso ginasial, professôra Angelina Bierremback Khoury, paraninfa da turma, o

Dr. Alexandre Mariano Cocci, presidente da Associação dos Antigos Alunos, e o sr. Paulo Rizzo, orador da turma." O brilhantismo com que Paulo realizou seus estudos secundários fêz que seus colegas o escolhessem como orador. Êsse mesmo brilhantismo haveria de tornar-se um traço distintivo da inteligência com que a Providência dotou Paulo.

Paulo Rizzo pretendia ser engenheiro. Mas durante o ano de 1936 adoeceu e ficou constatado que se tratava da insidiosa moléstia do diabetes. Essa moléstia foi o instrumento usado por Deus para vocacionar Paulo para o Ministério da Palavra. Sôbre sua experiência de chamada para o Ministério podem os leitores encontrar seu próprio depoimento que colhemos em um folhêto sôbre o assunto.

Terminados seus estudos secundários, seguiu para Campinas, sua cidade natal a fim de fazer o curso da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil. Concluiu êsse curso em 1945. Sôbre seu brilhantismo como aluno estudante de teologia podem os leitores encontrar informações exatas no depoimento do seu antigo professôr, o Rev. Jorge Goulart.

De Campinas, Paulo deu um grande salto e foi parar no Seminário Presbiteriano de Princeton, o mais famoso do mundo, onde fêz estudos teológicos de especialização. Já em 20 de janeiro de 1946 fôra ordenado ministro na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. Terminados seus estudos na Universidade de Princeton, demorou-se nos Estados por mais algum tempo. Ali exerceu atividades jornalísticas (Diretor do periódico Aurora Evangélica, publicação bimestral para a colônia portuguêsa de New Bedford), no magistério e no pastorado da Christ Presbyterian Church de New Bedford.

Regressando ao Brasil, Paulo Rizzo foi pastorear a Igreja Presbiteriana da Lapa. Ali desenvolveu um dinâmico pastorado. A Igreja cresceu muito. Passou depois ao pastorado da Igreja Filadélfia, em São Caetano do Sul, Capital de São Paulo. Foi nesse pastorado que a morte o surpreendeu. Era muitíssimo estimado pelas suas ovelhas. Todos os domingos ia levar membros da

igreja já idosos às suas casas em um automóvel que conseguira adquirir e que estava pagando com muito sacrifício. Era um pastor completamente dedicado à Igreja.

Além dêsse pastorado, Paulo desenvolvia atividades como Coordenador de Relações Industriais da Companhia Ford, mantinha colunas diárias nos jornais "O Tempo" e "Diário de São Paulo", e era secretário da revista UNITAS.

O organismo combalido pela doença que o acompanhava desde os 14 anos de idade não resistiu. Morreu porque seu organismo não reagia mais aos medicamentos comuns. Exgotou-se por completo Paulo Rizzo.

Faleceu com 34 anos apenas. Moço ainda. Vivesse mais e sua vida seria muito produtiva. A enfermidade cortou-lhe carreira mais longa.

Mas Paulo Rizzo soube aproveitar seus 34 anos de vida. Vibrou de entusiasmo durante êsse curto espaço de tempo. Dedicava-se inteiramente a todos os empreendimentos que provocavam sua alma idealista e sonhadora. Contou bem seus dias. Bebeu o cálice da vida até à última gôta. Uma existência brilhante, abençoada, rica de experiências, útil a Deus.

Para que suas obras o sigam

Pode-se avaliar a exuberância da vida de Paulo Rizzo pela obra variada que realizou em vários setôres.

Foi ministro apenas por onze anos. Mas teve um ministério consistente e muito produtivo. Basta citar êste pormenor: no relatório de atividades pastorais, datado de 20 de janeiro dêste ano, declarou que fizera em 1956 306 visitas. Para um homem doente, e carregado de outras responsabilidades, êsse número é de causar espantos. Mas êle é bem uma amostra do dinamismo de Paulo Rizzo.

Durante anos foi Paulo Rizzo o presidente dos Acampamentos de Umuarama. Era um entusiasta. O autor destas notas foi, em algumas ocasiões, convidado por Paulo para participar dêsses acampamentos. Sempre desejou, mas sempre foi obstado por circunstâncias adversas. Contudo, pessoas que participaram de vários acampamentos, são unâni-

mes em afirmar que os retiros organizados por Paulo Rizzo marcaram época na história daquela organização.

Paulo foi um autêntico líder da mocidade evangélica no Brasil. Desde os tempos do Seminário em Campinas, revelou êle qualidades excepcionais de liderança. Sua contribuição à mocidade evangélica é imensa. O futuro dará testemunho de sua influência nesse setor. Era um líder completo. Dotado, inclusive, de um excelente espírito esportivo. Era entusiasta dos esportes. Mesmo doente, era um exímio cestobolista. Conhecia minúcias do esporte, de todos os gêneros, do Brasil e do mundo. Veja-se como se refere êle, com segurança, a várias minúcias dos esportes, no último artigo que publicou nesta revista.

A contribuição de Paulo Rizzo ao Instituto de Cultura Religiosa constitui documento histórico inegável. Aí estão as edições da revista UNITAS que êle publicou, na qualidade de secretário, desde quando regressou dos Estados Unidos. Era um jornalista vigoroso, contundente às vêzes, hábil no manejo da palavra escrita, claro, fluente, rico de idéias.

No setor das letras, a obra de Paulo Rizzo constitui uma honra para o movimento protestante no Brasil. Jovem embora, dispunha êle de recursos culturais extensos que o faziam admirado e respeitado.

Um dos seus maiores sucessos foi o romance "Pedro Maneta", com que concorreu ao prêmio instituido pelo Ministério do Trabalho. Paulo tinha apenas 20 anos, e acabara de ingressar no Seminário. Pois com êsse romance foi consagrado como um dos melhores escritores novos do Brasil. Obteve o primeiro lugar no concurso. Paulo foi logo elevado à glória literária com êsse romance. Seu brilhantismo e seu dinamismo apareceram aqui de modo inequívoco: o romance foi escrito em 10 dias, durante as férias de julho. Conhecido o veredito da comissão, em que figuraram nomes como Oswaldo Orico, José Lins do Rego, Hermes Lima, Viriato Corrêa, Henrique Pongetti, e outros, a imprensa não deu mais descanso ao jovem romancista. Tôda a imprensa do país noticiou o fato.

É que o concurso fôra disputado por alguns nomes já feitos nas letras nacionais. Nesse romance Paulo Rizzo revela logo sua grande paixão na vida: o problema social dos trabalhadores. O romance é uma história real. A história passa-se no bairro da Moóca em São Paulo, numa fábrica. O romance destina-se a estimular os trabalhadores na luta pela vida.

Paulo apresentou trabalho sôbre a "Reestruturação do mundo de após guerra" para o concurso "Internacional da Liga das Nações". Foi premiado.

Escreveu uma vigorosa biografia de Joaquim Nabuco, para o concurso instituido pela Sul América por ocasião do centenário do afamado diplomata. Essa obra também foi premiada. É ainda trabalho inédito. Quem a examina fica impressionado com a imensa bibliografia citada, quase tôda constante de obras da Biblioteca do Congresso Americano.

Sôbre Nabuco, Paulo escreveu outro livro: "Antes que a noite desça", premiado pelo Ministério da Educação.

Escreveu também o conhecido Manual da Mocidade, para as uniões de mocidade presbiteriana do Brasil.

Deixou inéditos os romances: "Duas cruzes e um cifrão", "Manquejando para a glória" (notável estudo da vida de Byron, poeta romântico inglês), "O bebedouro do diabo". E a peça teatral: "Dois de dezembro", comédia em dois atos.

Paulo fêz também excelentes traduções. Era poeta, como sabemos. Traduziu poesias do inglês. Estamos publicando uma delas. Traduziu vários sermões de Peter Marshall. Aliás, sermões difíceis de traduzir. E agora acaba de ser publicado o livro "Ao sul do Saara", pela Editora Melhoramentos, tradução de Paulo Rizzo.

Os três romances inéditos ainda não foram lidos com a devida atenção pelo autor destas notas. É difícil, por isso, adiantar alguma informação crítica sôbre êles. Certamente êsses romances serão editados pelos amigos e admiradores de Paulo Rizzo.

Paulo era "doublé" de sociólogo e poeta. Em seus escritos re-

vela sempre uma profunda paixão social. Mas suas poesias são doces, suaves, carregadas de sentimento humano e cristão. São belas e inspiradoras as suas poesias. Algumas delas já foram publicadas nesta revista. Estamos agora reeditando algumas e publicando as inéditas.

Paulo também escrevia letras de hinos. Estamos publicando a última letra escrita por êle para um hino sacro. Intitula-se: "Quero subir com meu Jesus". Parecia que Paulo pressentia a sua próxima subida para Jesus.

Paulo era casado com a filha do Rev. José Borges dos Santos Jr., d.ª Cecília Borges Rizzo. Deixou três filhos: Lília de 10 anos, Irene de 7, e Paulo Marcos de 4 anos. Certamente nunca se dirá tudo o que d.ª Cecília fêz por Paulo. Os cuidados e as preocupações que a saúde de Paulo sempre lhe causaram. Era espôsa dedicada. Ela tem grande parte de tudo quanto Paulo conseguiu fazer. Os que conheceram, de perto, a vida de Paulo Rizzo sabem que êle realizou uma grande obra em tão curto espaço de tempo por causa dos cuidados e do desvêlo de sua espôsa, d.ª Cecília.

De Paulo Rizzo pode-se dizer que teve uma vida curta mas abençoada.

Contudo, teve Paulo Rizzo uma vida penosa por causa da doença que o castigava freqüentemente.

Agora, descansa êle naquele lugar onde não há mais sofrimento. Pode agora produzir muito mais para glorificar o seu Salvador.

Lauro Bretones

PAULO LÍCIO RIZZO

Falando em nome da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Rev. Adauto Araújo Dourado pronunciou junto ao túmulo do Rev. Paulo Lício Rizzo, no Cemitério do Redentor, em São Paulo, em 11-3-1957, o seguinte improviso:

Deveria falar nesta hora o Rev. José Borges dos Santos Jr., digníssimo Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, que se acha presente, mas não o faz por razões óbvias (1), transferindo para mim esta incumbência tão honrosa quanto pungente.

Acordava hoje, na cidade de Ribeirão Prêto, com o tilintar do telefone, que me transmitia o desolador recado: Paulo Rizzo morreu. Um turbilhão de emoções contundia-me o coração. Eu que o amava como irmão.

A Igreja Presbiteriana do Brasil perde um dos seus mais valorosos ministros. O evangelismo pátrio está de luto.

Há muito de misterioso na vida do Rev. Paulo Lício Rizzo. Não compreendemos porque Deus permitiu que a doença lhe torturasse a vida. Não compreendemos porque Deus não o curou. Não compreendemos porque Deus o levou tão cedo para os tabernáculos eternos. "O' profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!"

Se há mistério, há também muita luz. E era o Paulo que gostava de falar dos "mistérios de luz". E' claro como a luz meridiana que a vida inspiradora do Rev. Lício Rizzo foi uma bênção de Deus para a sua família, para a sua Igreja, para todos que o conheceram.

Deus nos fala por meio dessa vida que passou com o fulgor de um meteoro. Nós, os seus colegas, muito aprendemos com êle.

Encantava pela simplicidade. Seu eminente pai era o pastor da grande Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo. O jovem Paulo trabalhava na Moóca, dirigindo uma Escola Dominical para operários e filhos de operários. No Seminário, continuou a fazer o mesmo tipo de trabalho. Amava os operários e as crianças. Mesmo de-

---

(1) O Rev. Borges era sogro do Paulo.

pois de receber das mãos do Presidente da República o prêmio por ter escrito o melhor romance para operários, continuou simples, sentia-se igual a todos os seus colegas. Muitas outras vitórias conquistou, mas a glória não o ensoberbeceu.

Paulo Rizzo era profundamente sincero. A sua palavra era a tradução exata de seu pensamento. Não sabia fingir ou enganar. Falava sempre a verdade. As suas críticas, algumas vêzes ferinas, revelavam a sua revolta contra tôda e qualquer espécie de hipocrisia. Paulo era puro, decente e honrado; integridade de caráter que herdou de seu venerando pai.

Era teimosamente trabalhador. O espírito inquebrantável vencia diàriamente o corpo doente. Por isso, realizou tanto em tão pouco tempo. Como romancista, jornalista, poeta, conferencista, pregador e pastor, deixa uma obra que glorifica a Deus e o coloca entre os mais eficientes e brilhantes servos do Senhor. Permitam-me que cite um fato recente. Em novembro do ano passado, fazia êle mais uma daquelas memoráveis séries de conferências na Igreja Presbiteriana de Ribeirão Prêto, encerrando uma "Campanha de Salvação" No Dia de Finados, pregou no Cemitério. Embora não costumemos apelar para decisões, no cemitério, nesses cultos no Dia de Finados, Paulo o fêz com tanta naturalidade, unção e poder, que mais de vinte pessoas se decidiram por Cristo. No último Dia de Finados, que passou na terra, levou muitas pessoas a encontrar a vida real em Cristo.

Como é difícil crer na bondade e sabedoria de Deus, em determinadas circunstâncias!... Paulo está morto. A sua jovem espôsa, fiel e dedicada, está viúva. Os três filhinhos que tanto o amavam estão órfãos... Não tentarei explicar. Lembro-me de um fato elucidador. Quando Jesus morreu, dois discípulos desalentados comentavam: "Nós esperávamos que fôsse êle quem havia de redimir a Israel; mas..." A morte foi o fim. Sabemos hoje que êles estavam errados, quando assim pensaram. Nós também erraremos se as crises nos levarem ao desespêro. A fé cristã nos ilumina nas noites da vida: "Sabemos que tôdas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus".

Jesus Cristo foi muito parcimonioso, quando tratou do além túmulo, mas nos revelou verdades de suma importância:

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá".

"Não se turbe o vosso coração, credes em Deus, crede também em mim. Na casa do meu Pai há muitas moradas. Se assim não fôra, eu vô-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E se eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que onde eu estou estejais vós também... Eu sou o caminho, a verdade e a vida e ninguém vem ao Pai senão por mim".

São Paulo, afinado pelo mesmo diapasão, escreve:

"Porquanto, para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro".

"Sabemos que, se a nossa casa terrestre dêste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita de mãos, eterna, nos céus".

E nos esclarece: "Nós seremos transformados. Porque é necessário que êste corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando êste corpo que é corruptível se revistir da incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória.

"Onde está, ó morte, a tua vitória? onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a fôrça do pecado é a lei.

"Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo".

Sanzi, o grande escultor italiano, imaginou uma nave em mar revolto, para simbolizar a passagem do homem pela vida. Dentro da embarcação, um anjo amaina as velas, como a dizer que é finda a viagem e seguro o pôrto da chegada. Embaixo estão estas palavras: "Feliz de quem, no mar da vida, teve pilôto tão seguro!"

Paulo Rizzo entregou a sua vida a Cristo. Por isso, o seu fim é o comêço de nova vida mais gloriosa. E o Deus a quem êle serviu com fidelidade e que o conduziu de glória em glória, cuidará de sua espôsa e dos seus filhinhos. "O Senhor o deu, e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor".

PAULO LÍCIO RIZZO

O Seminário Presbiteriano de Campinas compartilha, no mais alto gráu, de todo o pesar que acabrunha o nosso coração, nesta hora, pelo falecimento prematuro, do rev. Paulo Lício. Da turma de 1945, aluno dos mais brilhantes, deixou êle, na nossa Casa de Profetas, a marca indelével de sua passagem. No esporte, nas aulas, no Grêmio Oito de Setembro, na liderança da juventude, no trabalho evangelístico, na imprensa, nas relações com outros grêmios da cidade, em tôda parte êle aparecia, expontaneamente, sem fazer fôrça, sem se insinuar, sem se exibir, mas sempre ocupando um lugar de destaque, ou o primeiro lugar, em razão do voto ou do assentimento de todos os colegas e a aprovação e simpatia de todos os professôres.

Doente, não se fazia mimado, antes encobria o seu sofrimento, envolvendo-se em tôdas as atividades da casa, e nunca se eximia de qualquer responsabilidade a pretexto de sua enfermidade pertinaz e ingrata.

Filho de um homem ilustre, nunca se referia a êle em termos que o colocassem em destaque no meio dos seus pares. Se se tornava mordaz, às vêzes, numa observação ou numa crítica, não deixava de voltar atrás e de expressar em atos o seu arrependimento.

Tinha pendor para o lado social da obra evangélica, revelando cêdo êste espírito no romance que escreveu e que foi premiado — "Pedro Maneta". Êste mesmo espírito revelou êle, quer nos Estados Unidos, trabalhando entre gente humilde ou entre militares, ou, quando de volta ao Brasil, na escolha de Igrejas, intimamente relacionadas com a vida operária, ou no trabalho secular a que estendia a sua intensa atividade de trabalhador social ou de escritor.

Poderia ter, como todos os homens, suas prevenções, seus prejuízos, suas atitudes obstinadas e tingidas de um humor que resvalasse para a mordacidade, mas isto parece que apenas surgia na

superfície, porque, no fundo do coração, era uma alma fundamentalmente cristã, possuida de amor para com todos e subordinada inteiramente ao espírito de justiça.

A nossa Faculdade dêle se orgulhava e se orgulha, por encontrar nêle aquelas qualidades que, aprimoradas pela graça divina, constituem a fôrça e a beleza humanas, garantidoras da vitória de nossa causa.

E doloroso vê-lo; tão moço estendido nêsse esquife, inerme e, aparentemente, vencido, mas nos humilhamos diante de Deus, certos de que Êle faz tudo bem. — J. G.

ESQUECE E PERDOA!

No mais profundo do teu ser, rasga uma tumba! Que ela seja como êsses lugares esquecidos aonde não vai ter caminho algum! E lá, no eterno silêncio, sepulta o mal que te fizeram! Teu coração será como que libertado de tanto fardo. A paz divina reinará nêle. — **Wagner.**

HOMENAGEM PÓSTUMA

"PAULO LÍCIO RIZZO — UM AMIGO" — FOI O TEMA DA PALESTRA DO Rev. T. CARNIER

Através dos relatórios da Igreja para o Presbitério era fácil de verificar-se a profunda admiração que todo o rebanho na cidade de São Caetano do Sul tinha pelo Rev. P. L. Rizzo. Êle também, em conversas particulares e nos seus relatórios oficiais, não se cansava de manifestar a sua gratidão a Deus pela Igreja que lhe fôra dada para pastorear. Por isso foi muito grande o golpe sofrido por tôdas as suas ovelhas, que choram continuamente a sua partida.

Na quarta-feira, dia 20 de março, às 20 horas, apesar da pesada chuva, que começara a cair incessante desde a tarde, o templo estava completamente lotado para o culto de ação de graças a Deus pela vida preciosa do amado Rev. Paulo Lício Rizzo.

Ocuparam o púlpito os Revs. José Borges dos Santos Jor., mui digno presidente do Supremo Concílio, Teófilo Carnier, vice-presidente do Presbitério de São Paulo, Rev. Oscar Chaves, pastor em Santo André, e Presbítero Mário da Silva, representando a Igreja. O côro da Igreja cantou o hino "Ó amante divinal", orou o Rev. Borges e o Rev. Oscar Chaves leu o capítulo 1.º de Romanos, o texto mais usado ùltimamente pelo saudoso Rev. Paulo, nos seus sermões e escritos. Após o cântico do hino "Quando as tempestades desta vida" pelo côro, falou o Rev. Carnier. Com base no texto de Prov. 17:17 ("o amigo ama em todo o tempo") disse que Paulo Lício Rizzo era, antes de tudo UM AMIGO, que preenchia a característica apontada no texto porque a todos que conhecia dedicava amizade tão sincera, que se tornava inalterável apesar do tempo e das circunstâncias. Uma das suas ex-ovelhas chorando a sua partida exclamava: "êle era, não só pastor, mas um amigo verdadeiro de todos nós". Os colegas sempre que a êle se referiam também afirmavam: "que bom amigo era o Paulo..." Êle mesmo, ao fazer referência a qualquer pessoa, costumava dizer: "Sou amigo dêle; tenho um amigo...; êle é meu amigo..."

A sua simplicidade, lealdade e inteligência raras o levavam a

estimar a todos, conquistando de cada um a admiração, o respeito e a amizade.

Foi um amigo que soube respeitar a personalidade humana.

Na sua admiração pelos pais, pela espôsa, pelos sogros aos quais era muito reconhecido, pelos parentes, pelos colegas e amigos, era discreto, se os elogiava; respeitoso se os criticava. Sinal admirável do seu caráter era o respeito aos ausentes, enervando-se até com aqueles que, não sabendo ser delicados na franqueza, eram rudes à distância. A opinião dos humildes e dos grandes merecia-lhe todo acatamento e tinha a suficiente humildade cristã para encarar os que dêle discordavam, dizendo: "quem sabe se eu é que estou errado..."

Paulo Rizzo foi também um amigo de notável visão.

Desde os dias de seminário até a hora em que poude pronunciar suas últimas palavras revelou a sua mentalidade ampla, causa, sem dúvida, da sua excepcional originalidade. Quando voltava das suas viagens evangelísticas, abrindo o coração a respeito do que sentia em contacto com outros campos, manifestava admiração pelo que os outros faziam e não escondia o que havia aprendido, sofrendo com a necessidade de experimentar novos métodos para atingir as almas. Não se preocupava em enxergar falhas ou pontos de divergência em outras denominações, via, porém, a contribuição de cada uma na evangelização dos homens, sendo por isso mesmo, às vêzes, mal compreendido. Inconformado com os métodos de prédica e de educação religiosa ineficazes em muitos aspectos, apesar de tradicionais na sua forma, insistia para que as igrejas fizessem novas experiências para atingir melhor os seus mais altos objetivos.

Mas, êle foi ainda, podemos dizer, um amigo sem limites.

Sabia apreciar os cultos, inteligentes, os de boa posição social e econômica, mas olhava com amor e entusiasmo para os humildes, pequeninos, ignorantes. A sua preocupação pelas crianças e pelos operários não lhe diminuia a consagração ao serviço de evangelização da gente culta e de destaque, integrando-se, por isso mesmo, no trabalho do Instituto de Cultura Religiosa, com irrestrita admiração. Assim como sabia destacar nos seus apreciadíssimos artigos a tarefa extraordinária de um educador evangélico em evidência, mandava imprimir também no boletim da igreja o trabalho de humildes semi-analfabetos, que escreviam sôbre métodos de evangelização e movimentos de santificação, corrigindo com aptidão a lingua-

gem, mas nunca o sentido das opiniões que sabia sempre respeitar até nos pequeninos. Na oportunidade feliz que tive de sucedê-lo em dois campos, ouvi crentes de casebres e de moradias opulentas falar, com orgulho, da grande amizade que o Rev. Paulo lhes tinha, quando descreviam a maneira familiar com que fazia suas visitas pastorais. Era amigo das pessoas, não das suas posições.

Tudo isso foi possível naquela admirável personalidade amiga porque havia nela a experiência da mais sublime amizade com O AMIGO MAIS COMPLETO — JESUS.

Ao levar a notícia do seu falecimento a um casal de velhinhos, que se converteram durante o seu pastorado na Lapa, entre lágrimas e soluços, ouvi esta expressão impressionante: "êle já foi experimentar plenamente a felicidade de que nos falava..." Lendo o hino cantado pela sua igreja "Quero subir com meu Jesus", o último escrito pela sua pena incansável e fértil, percebemos como era real a experiência que tinha das esperanças de que sempre falava e escrevia. Respeitava a Bíblia, como Palavra de Deus, fazendo as suas igrejas aprendê-la com reverência e seriedade, revoltando-se com os sermões e os estudos que eram "pálidos" na apresentação das profundas verdades dos textos usados. Desesperava-se muitas vêzes quando via homens apaixonados com sentimentos inquisitoriais porque nem todos interpretam e usam os métodos rezados ingenuamente por êles, sem, no entanto, sentirem o poder da palavra de Jesus através de cada expressão escriturística. A sua amizade com Jesus era robustecida pela vida de comunhão com Deus, que encarava com austera diligência. Os crentes da Lapa sempre observam que "êle era o pastor da oração, pois nunca alguém fêz tantos estudos e levou a igreja a orar tanto, como no seu pastorado".

Lembrando-nos do Paulo Rizzo, nesta hora de profunda amizade, quando damos graças a Deus pela sua vida curta, mas proficiente entre nós, no seminário, no pastorado, na Ford, na saúde, na enfermidade, parece que ainda o vemos, vivendo a experiência do Paulo, cujo nome êle soubera honrar: "Posso tôdas as cousas n'Aquele que me fortalece".

Recordando-nos da sua passagem entre nós e sentindo as bênçãos que isso nos trouxe, podemos também testemunhar à

maneira da mulher sunamita: "tenho observado que êste que sempre passa por nós é um santo homem de Deus", pois, acrescentariamos — êle nos foi um grande amigo, que nos amou em todo o tempo porque tinha a amizade de Jesus.

Após a mensagem do Rev. Teófilo, todos cantaram o hino escrito pelo Rev. Paulo — "Quero subir com meu Jesus".

O Presb. Mário da Silva agradeceu a presença de todos, especialmente dos representantes da Companhia Ford, e citou o texto de Apoc. 14:13 — "Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam". Todos oraram o Pai Nosso e o Rev. Borges impetrou a bênção apostólica.

À porta todos choravam a ausência do Pastor Amigo, que alí já não estava para cumprimentar-nos.

A FÔRÇA DO IDEAL

VOCAÇÃO MINISTERIAL

Paulo Lício Rizzo

Segundo Jowett o elemento primário da vocação é o chamado divino. Exemplos na Bíblia: Abraão, Isaías, Amós, Jonas, Paulo e Pedro. Há diversidade de circunstâncias nesses e em todos os chamados, a tal ponto que um de nossos professôres disse não lhe ser possível determinar quando nem como foi chamado. O fato é que há consciência do chamado divino...

Olhando a minha experiência, eu percebo aqui e ali, pequenas barreiras colocadas por Deus no caminho de outras possíveis vocações, barreiras onde eu via, por assim dizer, uma flexa com esta ordem categórica: Siga. Eu as seguí e vim dar no Seminário. Hoje, êsses "Sigas" aparecem-me claramente como a voz de Deus a dizer: Eu te chamo.

Pretendí ser engenheiro. Um dia adoeço e a tal flexa me aponta uma estação de águas para tratamento. Ali fiquei na casa de um amigo muito crente, que foi o instrumento para abrir meus olhos às belezas do ministério, coisas que quem vive numa casa de ministro reconhece, mas teme delas participar por conhecer de perto o alto preço que exigem. (Eu sou filho de pastor). Êsse homem me fêz ver que eu poderia pregar proporcionando-me ocasiões de dirigir a palavra a grupos humildes de crentes e, sem o querer, despertando-me êste pensamento: afinal não é tão difícil assim. Em breve compreendi que pregar era, de fato, a parte mais fácil do ministério. Enfrentar os homens em conjunto, atacar o pecado em têrmos gerais é de fato mais cômodo que atacar os erros pessoais de uma ovelha, principalmente quando essa ovelha é um tanto arisca. Reconhecí também que a maior dificuldade para eu me tornar pastor seria eu mesmo. Embora criado em lar crente, fui muito precoce no conhecimento das maldades dos homens. Antes do período descrito,

tive um ano de vida como crente professo, desejoso de perfeição e santificação. Minha conversão existiu e teve aspectos fortes pois eu necessitava de realizar algumas mudanças drásticas no meu temperamento. A maioria delas não se completou, porém, até hoje... mas prossigo para o alvo. Nunca achei que o ministro fôsse um ser melhor do que os outros e sempre tive a convicção de que se eu me tornasse um bom crente, serviria muito bem a Deus como engenheiro. Apareceu então uma outra flexa, quase invisível. Comecei a gostar de literatura e o meu pendor para a matemática se foi arrefecendo, fazendo-me desistir da engenharia. Organizei um fichário com finalidade literária e homilética. Em breve a parte religiosa (homilética) se havia desenvolvido muito, muito mais que a literária. Era outra flexa quase invisível: o gôsto pelas coisas religiosas estava suplantando o das letras. Antes de entrar para o Seminário, eu já possuia um arquivo de ilustrações maior do que o de muitos ministros. Mas, ser ministro não é fazer fichas com historietas e ter sermões engatilhados para a prédica. Surgiu então uma outra flexa. Deram-me um trabalho humilde num dos bairros de São Paulo. Ninguém gostava de trabalhar ali. Enfrentei quase que sòzinho a situação e, com elementos do próprio local, já estava organizando uma Escola Dominical, onde enxameavam crianças barulhentas e mal criadas. Comecei a ver e sentir a miséria do povo. Procurei sentir as suas dores e como a maioria dessas dores me pareciam de origem física e econômica pensei em me tornar médico ou agitador comunista. Todavia não me custou verificar o poder da palavra de alguns pregadores leigos que para ali encaminhei, sôbre os grandes males morais. Êsse serviço da reconstrução moral pareceu-me então, como até hoje parece, o principal para a felicidade do povo. A carreira de pregador — dizia eu egoisticamente — era, afinal de contas, alguma coisa à qual valeria a pena eu dedicar a minha vida.

Se fôsse necessário apresentar uma prova objetiva da minha vocação, a alegria daquela igreja infantil, o crescimento da mesma e o prazer que me dava êsse trabalho seriam suficientes. Aliás um dos

presbíteros que me examinou citou êsse fato com essa finalidade, no exame a que fui submetido pela minha igreja.

Entretanto eu me preocupava mais com o lado subjetivo da questão. Julgava-me indigno de entrar num seminário e muito menos no ministério. Renovava os propósitos de melhorar a minha conduta, meu temperamento e meus pensamentos, mas quase sempre fracassava. Um grande amigo meu dava-me injeções de entusiasmo pregando a possibilidade da vida santificada e, graças a Deus, êle falava com tanta convicção que minha fé se fortalecia a ponto de hoje eu ter esperanças de poder exercer um bom ministério, embora, ainda me considere indigno dêsse glorioso chamado, para mim iniludivel e eloqüente, com que Deus me vem acenando por anos e anos com as tais flexas misteriosas...

SERMÕES

COMENTÁRIOS

JESUS E A MULHER

Paulo Lício Rizzo

Conta-nos o Evangelho que quando, após um dia de lutas e discussões no templo, "cada um foi para sua casa", "Jesus foi para o monte das Oliveiras". Sem dúvida alguma o Mestre procurou o monte para orar, como era seu costume. É êsse Mestre revigorado pela oração que, "de madrugada, voltou ao templo" e, assentando-se, ensinava todo o povo. Nisso "os escribas e fariseus trouxeram uma mulher apanhada em adultério, puzeram-na no meio de todos" e a acusaram "para ter de que o acusar" também. "Jesus, porém, abaixando-se, começou a escrever no chão com o dedo". Por que essa atitude de Jesus?

Sua perspicácia de Mestre aguçada pela noite de oração percebia atrás daquele zêlo algumas duplicidades muito patentes:

Havia, em primeiro lugar, um apêlo a lei. Ora, a lei estava esquecida pelo povo e principalmente pelos sacerdotes que haviam transformado o templo em covil de ladrões. Era, pois, nesse mesmo templo repleto de cambistas que os fariseus faziam o apêlo à lei. Êsse o característico marcante do legalismo: procurar as menores leizinhas como se elas tivessem importância capital em assuntos religiosos.

Em segundo lugar, como geralmente acontece com os legalistas, os escribas ignoravam ou pretendiam ignorar a letra e o espírito da lei. Uma simples leitura em Levítico 20:10 nos mostra que a lei exigia a morte do homem e da mulher que cometessem adultério. Os fariseus, agora, diante de Jesus, citam a lei com tôda a pompa: "Moisés nos ordenou na Lei que tais mulheres sejam apedrejadas..." Porque teriam citado erradamente a lei? Possivelmente por ignorância, uma vez que esta sempre anda de braços dados com o legalismo, não sabendo nós exatamente se um é causa ou conseqüência do outro.

Mas havia, evidentemente, outra razão para usarem dêsse método tão comum nos concílios civis, jurídicos e eclesiásticos. Não era muito fácil trazer um homem apanhado em adultério para ser julgado. O homem reage fisicamente, possue outra musculatura...

Ora, Jesus veio ao mundo para dar uma posição nobre à mulher. Como poderia servir de juiz naquela comédia de covardia? Ainda hoje Cristo exige um lugar de igualdade real para a mulher. O feminismo procurou êsse alvo de uma forma desastrada fazendo a mulher descer de seu pedestal para se tornar "igual" ao homem. Cristo exige dos homens que O seguem o mesmo padrão de inteireza moral, doméstica e sexual que o tradicionalismo pedia das mulheres. Assim o homem sobe ao nível da mulher e faz-se a igualdade.

Penso que devia haver na mente de Jesus uma sugestão muito expontânea. Êle era primo de João Batista, aquêle profeta corajoso, que também descobrira uma adúltera. Infelizmente não a descobriu na pobre e indefesa criatura que os escribas arrastaram aos pés de Cristo. João Batista levantou seu dedo profético frente ao tetrarca Herodes que vivia em público adultério com a sua cunhada Herodias. Resultado: a cabeça do profeta numa salva de prata... Os acusadores deviam parecer mesquinhos e ridículos aos olhos de Jesus, cuja estirpe era temperado pelas perseguições e pelas fadigas sem conta. A moderna hipocrisia se deleita em exibir-se contra os indefesos. Há pessoas privilegiadas contra as quais não se pode fazer uma crítica sem se correr o perigo de vinganças prepotentes. Há igrejas poderosas que não toleram acusações. Muitos de seus ministros se especializam em descobrir pecados nas religiões mais distantes e exóticas para não melindrar as generosas bolsas que acorrentam o espírito profético. Há países que se acostumaram à bajulação mundial. A imprensa dos quatro cantos da terra só devem louvá-los. Se, por acaso os seus agentes no exterior encontram referências à grande nação sem quatro ou cinco adjetivos bombásticos ficam logo ofendidos. Nós, os cristãos, nos enchemos assim da tendência farisaica de criticar os países pequenos, as mulheres indefesas, as seitas pouco respeitáveis, tudo aquilo que não nos pode dar o troco de nossas atitudes. A pobre adúltera esfarrapada torna-se um bode expiatório para o nosso sadismo religioso. Eu não critico o "meu" pecado, mas algo etéreo como as injustiças sofridas pelos israelitas há 2.000 anos. O crente que goza dos privilégios do capitalismo esgrime com o longínqüo perigo do socialismo. Continua o câmbio dentro do templo... e a adúltera que pague por êle. Velhos carcomidos de inveja, de politicagem, de orgulho verberam os pecados carnais da mocidade. Dentro da igreja protestante é facílimo criticar os erros católicos. Dentro da igreja de Roma é ainda mais fácil acusar-se a Igreja Ortodoxa. Mas ai do que se volta contra os erros de sua

própria paróquia, de sua denominação, do seu clan. É preciso ser muito cristão para isso.

Jesus sabia naturalmente que os escribas procuravam colocá-lo dentro dum dilema formado pelo fato da lei romana, ao contrário da judia, não prever pena de morte para o adultério. Parece-me todavia que a atitude de Cristo silenciando, possue uma lição mais importante a qual chamaríamos, lição do ouvido resistente. Em nossa vida, se formos ouvir tudo que nos dizem, especialmente no terreno da moral sexual — tal era o caso em questão — acabaremos por transformar o nosso ouvido em verdadeiro cêsto de roupa suja. É preciso que saibamos reagir contra hipócritas e fariseus, contra línguas levianas e interesseiras, contra mesmo os bem-intencionados mas doentios delatores de faltas alheias. Caso não o façamos da maneira um tanto rude como Jesus o fêz, jamais teremos paz, ficaremos conhecidos como o indivíduo que gosta de ouvir histórias degradantes, não tardando a chegar o dia em que o nosso vizinho se chegará para nós com um ar malicioso e satânico para cochichar: Hoje eu ouvi uma de arrepiar os cabelos. Tenho certeza de que você vai gostar de ouvi-la...

Mas Jesus falou. Disse apenas o que era necessário e disse tudo o que era preciso "Se alguém estiver sem pecado..." Sem pecado não de acôrdo com a Sua Lei pronunciada no Monte e na qual até o pensamento indigno era adultério. Sem pecado de acôrdo com o preceito levítico por ninguém mais observado na Palestina mas que servia agora de pretexto para a exploração legalista. Mesmo de acôrdo com aquele código externo e antigo, os presentes eram adúlteros...

E êles, vendo o Mestre se abaixar novamente, temeram a próxima frase a sair dos lábios corajosos que, já os haviam desafiado, quando exclamaram: "Quem de vós me argüirá de pecado?" Juntando o resto da pose inicial que ainda conseguiram conservar, acharam melhor retirarem-se em ordem... como convém a doutores da lei. Naquêle cortejo solene, os mais velhos na frente e os mais moços atrás, como mandavam a igreja e a boa educação, nós temos um quadro repetido inúmeras vêzes no correr dos séculos: é possível cometerem-se as maiores injustiças e iniqüidades dentro da lei e da boa educação. Aliás a maldade que fere mais é essa que praticamos sem quebrarmos a lei e ganhando, muitas vêzes, o aplauso da sociedade.

Jesus ficou só com a mulher. Desde o instante em que a brutalidade dos homens a enxotou para diante do Mestre, Êle a amou.

Êle a amou porque nos farrapos daquele ser esfrangalhado pela vergonha e pela humilhação, só mesmo o Salvador poderia ver promessas de uma vida nova. Para o Amigo sem igual, êste diálogo com a pecadora era o instante único daquela hora desagradável. E então Êle se levanta e pergunta: Onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condena?

Para a mulher também aquele instante foi tudo. Que importavam os acusadores? Que importavam os cambistas no templo? Que importava a humilhação daquela madrugada nojenta? Talvez até o seu coração désse graças a Deus pela instrumentalidade inconciente e brutal dos fariseus trazendo-a aos pés de Cristo. Era de Cristo que ela precisava. Êsse Cristo que não pecava e que, no entanto, comia com os pecadores. Êsse Cristo suave que agora não se torna cúmplice do pecado, procurando desculpá-lo, mas que aceita o êrro da mulher aconselhando-a: "não peques mais..." Êsse Cristo possuia sempre um caminho diferente. Quando os fariseus lhe propuzeram uma charada legalista, transpos o caso para o tribunal de suas consciências onde foram fragorosamente derrotados. Aos pés de Cristo, a mulher encontra um novo ângulo, uma visão nova para a hediondês do pecado. Existe a noite horrível e negra do império da carne, mas existe a manhã luminosa com o Salvador. E o "nem eu te condeno" dói mais fundo do que as acusações dos inimigos. É a dor do arrependimento eficaz.

Ela se retira. Volta possivelmente para sua casa, para uma vida de amor e dedicação. A passos lentos caminha pelos pátios do templo. A multidão se aglomera novamente a volta do Mestre. "O meu Salvador!" — exclamaria ela. O sol bate gostosamente sôbre o seu corpo redimido por Cristo. E Êle começa a ensinar: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue, de modo algum andará em trevas, mas terá a luz da vida"!

Poder e Obediência

Paulo Lício Rizzo

Não foi sem um propósito definido que estudamos até aqui aspectos mais ou menos negativos do problema do poder. Há uma razão para isso. A humanidade, como Marta, anda atrás de muitas coisas, sem saber que só uma lhe é necessária. A busca do poder deve ser precedida pelo abandono da busca à autoridade. Um exame de nossa precária posição de "snobs" religiosos, formalistas e sem poder, é o passo mais importante para o início duma vida vitoriosa e rica. Se, nesse exame, formos sinceros, cairemos exatamente no estado espiritual descrito em nosso último artigo, isto é, o arrependimento individual e profundo, no qual perguntaremos ansiosos a Deus: Que farei? Esta pergunta chega diàriamente aos céus. Nenhum cristão passou da morte para a vida sem dobrar-se perante a fonte de Poder, submisso e contrito, prontificando-se a obedecer integralmente aos reclamos divinos.

"Eu não estou pedindo poder agora — expressou um missionário que já exibia em seu rosto a alegria duma vida exuberante. Peço apenas que eu seja obediente. Há poder de sobra"... É êsse o âmbito infinito do problema. Se, de um lado, precisamos eliminar a nossa pretensão autoritária, pois que Deus Todo-Poderoso é quem vai nos encher de fôrça espiritual, de outro, precisamos nos tornar instrumentos doceis afim de que a corrente flua ao mundo por nosso intermédio.

Os discípulos que receberam o poder do Espírito Santo, no dia de Pentecostes, obedeceram a uma ordem expressa do Mestre para que ficassem em Jerusalém até que recebessem a Promessa. Êsse intervalo entre a promessa do Mestre e a sua realização em nossas vidas é um período em que nossa paciência se submete à maior prova de fé. Muita gente pede poder, muita gente acredita que Jesus nô-lo enviará, mas muitos poucos têm paciência de esperar por êle. Aqui é que está o teste de nossa obediência. Afinal de contas por que pedimos? Uns pedem porque dizem ser agradável clamar, orar a Deus; outros dizem que pedem porque Deus responde, mas a razão última de pedirmos e de esperarmos pelo poder reside no fato

de que o Mestre nos mandou pedir. Para muitos o importante na ordem do Mestre é o "dar-se-vos-á" e não o "pedi" que o precede. Primeiro, portanto, uma ordem: "pedi", "buscai" e "batei". Depois, a realização da promessa "e dar-se-vos-á", "e achareis", "e abrir-se-vos-á".

"Quanto mais vos dará o Pai Celestial o Espírito Santo a todos os que O pedirem". Aplicando o princípio acima, teremos, em referência a essa promessa: primeiro, um mandado para que peçamos insistentemente; segundo, talvez depois de muito tempo, de muito pedir, a dádiva do Espírito de Poder.

A questão do poder espiritual é fundamentalmente um problema de obediência. No instante em que resolvemos pedir forças espirituais já entramos para o terreno da obediência a um mandado de Cristo que nos mandou pedir.

Isso é importante para quando nos sentimos impacientes e começamos a duvidar da utilidade de pedirmos. Só a consciência de que pedimos por obediência a Cristo é que nos pode fazer prosseguir na dolorosa espera. Sim, há muitos platônicos a proclamar as doçuras da oração e que não podem velar com Cristo nem ao menos uma hora. Não devemos ter ilusões: a obediência ao preceito do Mestre para pedirmos incessantemente como o amigo inoportuno ou como a viúva que pleiteava sua causa diante do juiz iníquo, é algo de muito duro e difícil.

Nesses momentos compreendemos um aspecto bastante subjetivo da obediência. Falá-se muito em obedecer à lei, mas poucos indivíduos têm experiência de obedecer pacientemente, esperando pelo cumprimento da promessa de Cristo. Certamente os leitores já encontraram outros cristãos suaves e ao mesmo tempo cheios de poder que estampam em seus rostos uma serenidade santa e pura. Êles nos poderiam contar a história da aquisição do poder interior: é uma vida de obediência estrita aos mandados de Jesus, é uma submissão humilde e, ao mesmo tempo, triunfante à Vontade do Pai. Como o velho missionário, êstes santos de Deus não parecem preocupados com poder. São, todavia, exemplos de dinamismo espiritual pois estão obedecendo ao Pai.

Sua vida, caro leitor, é fraca e sem significação? Não procure um processo milagroso para alcançar a metamorfose com que sonha a sua alma. Deus sabe aquilo de que você necessita e você o sabe também. Por que não obedecer-lhe? Por que não tomar o jugo suave de Jesus? É o que lhe resta fazer. Nada mais. Nenhuma discussão, nenhuma dúvida. Na obediência está o caminho do poder.

O PODER DOS MANSOS

Paulo Lício Rizzo

Quando herdarão os mansos a terra? Certamente os chamados cristãos que acreditam na paz pelo equilíbrio de forças nada sabem da grande promessa feita aos mansos por Aquêle que disse de si mesmo: "Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração."

No estudo que estamos fazendo sôbre a diferença entre poder e autoridade, cabe um lugar lógico à mansidão poderosa dos bem-aventurados em contraste com a petulância autoritária dos beatos de todo tipo. Uma das coisas mais necessárias para a vida de poder é a mansidão interior, é a humildade de coração. Essa qualidade indefinível é patente e natural nos eleitos, incapaz de vingar nos corações preocupados com ramalhetes de glorietas mundanas.

Um indú perguntou a Stanley Jones: "Por que Jesus não retrucou o golpe que o feriu na sala de julgamento? Não tinha direito a isso?"

— "Penso que tinha, mas se o tivesse usado, eu não estaria aqui falando-te sôbre Êle nesta noite. Jesus ofereceu a outra face e onde caiu o golpe? No teu coração e no meu. Nós estamos a Seus pés. Isso é poder, supremo poder!"

O otimismo liberal de Stanley Jones serve para sublinhar uma verdade com respeito aos mansos. Jesus ainda vence pelo amor. Seria ingenuidade afirmar que todos os mansos estão vencendo. Alguns estão sendo fragorosamente derrotados pelos religiosos bélicos. E, no entanto, somos exortados a continuar o combate do amor, por que só por êle conseguiremos a vitória final. A mansidão cristã é, pois, uma profecia, um ato de fé. Diferencia-se da atitude de Niebuhr ao criticar os pacifistas por achar que o Novo Testamento "nada ensina sôbre a possibilidade de transformar inimizade em amizade pela prática do perdão" e também não é mero pacifismo isolacionista. É um princípio ativo que só o Espírito Santo pode conceder e sem o qual — misteriosa interrelação de causa e efeito — paraliza-se a ação da terceira pessoa da Trindade em nossas vidas.

Quão difícil se torna adquirir poder num mundo que cultua a violência não só nos combates físicos como nos mais subtis duelos de raciocínio.

A prova da mansidão verdadeira está na crença incorrigível na vitória do bem. O poder de Deus transmuda-se em mil diferentes facetas de paciência operante nas mais variadas circunstâncias. Esperar-se-ia que o cristão "estourasse" depois de tantas desilusões com os exploradores da mansidão. E, no entanto, êle persiste, êle teima em ser bom e manso, porque em ser bom e manso está o segrêdo de sua fôrça.

A mansidão evangélica não pode ser a do Testemunha de Jeová que se irrita contra todos os governos da terra e espera pelo dia em que os 144.000 mansos hão de herdá-la. Também não pode ser a ingênua crença em "novos céus e novas terras" criados pelas Nações Unidas, pelo Socialismo e pela Cortisona. A vitória final dos mansos não deve preocupar demais os verdadeiros bem-aventurados, que encontram felicidade bastante ùnicamente em serem mansos. Tudo indica que os mansos herdarão a terra não num sentido meramente platônico. Dias hão de vir em que o planêta se transformará pelo poder do Cordeiro e então será possível um govêrno de eqüidade e mansidão. Por enquanto, a busca de autoridade política, social, eclesiástica, financeira ou militar, implica em opressão, em aniqüilamento da mansidão. Há quem aprecie a doçura do general que fala na proteção de civilizações à custa de bombas atômicas, tanques ultra-rápidos e aviões a jato. Tudo, porém, nos diz de que a real mansidão o levaria a usar os rios de dinheiro gastos com armamentos para socorrer os inimigos.

"Mas nós, segundo a promessa de Deus, esperamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça" (II Pedro 3:13). A mansidão do crente será sempre desprezada pelos poderosos da terra que não esperam por nada mais além da realização de seus planos babélicos. Mas os mansos sabem serenamente que "naquele dia os surdos ouvirão as palavras do livro e os olhos dos cegos verão dentre a escuridão e dentre as trevas. Em Jeová alegrar-se-ão cada vez mais os mansos e no Santo de Israel exultarão os pobres dentre os homens. Pois o opressor já não é mais, deixou de existir o escarnecedor, e se acham exterminados os que se dão à iniqüidade" (Isaías 29:18-20).

E, nessa esperança, os mansos consolam-se mutuamente, lamentando que tanta falta de poder neste mundo seja causada pelos que ainda não encontraram a bem-aventurança e o poder da mansidão.

O CAMINHO DO PODER

Paulo Lício Rizzo

Aquela introdução do livro de Atos, que vem servindo de base para nossas distinções entre poder e autoridade, começa com a seguinte declaração: "Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acêrca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar"...

Pelas próprias declarações do Mestre sabemos que a obra do Seu Reino foi apenas iniciada por êle. No livro dos Atos, o Espírito Santo faz os apóstolos continuarem os feitos de Cristo. A história das missões já foi chamada de 29.º capítulo do livro de Atos, pois nos esforços modernos para se espalhar o evangelho temos uma continuação magnífica da mesma história iniciada com a chamada dos primeiros discípulos na Galiléia. Em Princeton, há uma placa em homenagem a missionários massacrados na China, com a inscrição: "Dos quais o mundo não era digno"... São também um capítulo do Evangelho.

Que é que, por excelência, distingue essa ininterrupta linha de obreiros? É o vínculo do Espírito de Poder. A continuação da obra de Cristo vem sendo feita e será levada avante ùnicamente por aqueles que desprezam a autoridade em benefício do poder. "Dêstes o mundo não é digno" e, portanto, haverá sempre conflito entre cristãos de poder e religiosos de autoridade. Denominações e dogmas, esgrimistas da lógica, potentados eclesiásticos, civilizações apelidadas cristãs, tudo isso pode significar zero no progresso do reino de Deus. Só o coração inflamado de poder é prova segura de que o reino de Deus que está, nas palavras de Jesus, dentro de nós, caminha para a vitória. E, de certa forma todos os seguidores, fracos ou fortes, do Mestre anseiam pela vitória do Reino. Por que fracassamos?

Eis aí uma pergunta cuja resposta os cristãos teimam em fingir ignorar. Stanley Jones, pregando na Índia, fêz um apêlo de

renovação espiritual e depois orou: "Oh Deus! Nós não sabemos de que necessita êste povo, mas Tú o sabes..." O intérprete, não ouvindo bem, errou a tradução, acertando, porém, com a verdade: "Oh Deus! Tú sabes de que êste povo necessita... e nós também o sabemos". Muitos de nós, no silêncio da meditação, podemos dizer a Deus: "Senhor, tú sabes de que eu preciso... e eu também o sei". O caminho do poder pode ser obliterado pela nossa insistência em sufocar a consciência, pálido reflexo da voz de Deus em nossos corações. Não há cristão que não tenha sentido profunda consciência de suas necessidades espirituais. Há pouquíssimos, todavia, que tenham seguido o clamor divino dentro de seus espíritos, aprimorando assim a própria consciência moral — êsse traiçoeiro orgão controlador — cujos humores tendem a minguar se não houver bastante uso para os mesmos. Em nossa vida espiritual, mais do que no mundo biológico, a função é que cria o orgão.

Daí o interessante e profundo sermão de Karl Barth sôbre o arrependimento, recentemente publicado em "UNITAS". A autoridade eclesiástica, o prestígio social, os ramalhetes de jantares e campanhas sociais, fazem a voz da igreja impotente para vibrar dentro da consciência individual. Não há *pathos*, não há morte do ego, não há arrependimento e, portanto, não há poder.

De um lado estão as igrejas que abafam os anseios individuais sob o peso coletivo da massa medíocre, onde não há mais o "meu pecado" e sim "as imperfeições dos Teus filhos". De outro, o sentimentalismo balofo de seitas individualistas, onde chorar, gemer e dar testemunhos da bondade do Pai, geralmente não passam de um derivativo emocional sem conseqüências para o testemunho diário dos crentes. "As mãos são as mãos de Esaú, mas a voz é a voz de Jacó". Onde o verdadeiro reavivamento que parece ser um grito angustiante das almas sinceras no moderno descalabro?

O caminho do poder é, antes de tudo, o caminho do arrependimento. Pessoalmente, acho quase impossível qualquer avivamento real dentro dos moldes eclesiásticos, exatamente porque a igreja moderna, contrariando a ordem paulina que coloca o dom de governar

em 7.º lugar, passou a autoridade dos concílios para a linha da frente de suas preocupações. O complexo de autoridade dos líderes eclesiásticos é quase doentio. A pirâmide autoritária, passando de mera atitude moral a um jogo intrincado e, às vêzes, imoral de política de sacristia, abafa as possibilidades de renovação espiritual. Cria-se um novo tipo de convencimento, uma satisfação irracional, completamente contrária à bem-aventurança dos pobres de espírito.

Barth parece esperar que a igreja tenha uma palavra de contribuição. Não me parece bíblico esperar tal coisa. O arrependimento não é coletivo. É o meu arrependimento. É o teu arrependimento, leitor. Não o da minha comunidade, nem o da tua. É a minha alma no purgatório da humilhação, é a tua lágrima na derrota inconfessável.

E, no entanto, achamos que a Igreja é o melhor veículo para a renovação. A Igreja da promessa infalível do Mestre que nos garantiu sua presença onde dois ou três se reunissem em seu nome. A Igreja misteriosamente perceptível no instante em que o Espírito de Deus toca o meu e o teu coração. Aquela é a igreja onde podemos confessar publicamente os nossos pecados, chorar pelos nossos fracassos, com a certeza de que nossos irmãos farão o mesmo. Alí não há perigo de abrirmos o coração para depois ouvirmos de outros uma dessas fórmulas impessoais em que se lembram as misérias alheias mas não o meu e o teu pecado.

Essa Igreja existe dentro das igrejas e indentifica-se pelo vínculo do Espírito. Ela clama aos céus, dia e noite, com gemidos incessantes. Aqui, no coração do meu vizinho que não passa um dia sem a hora tranqüila de oração matinal, alí no grupo fiel que há anos bate às portas dos céus, sabendo que se nós que somos maus sabemos dar boas dádivas a nossos filhos quanto mais não nos dará o Pai Celestial o Espírito Santo a todos que o pedirem. Pelo Brasil todo, uma grande multidão busca e não poucos palmilham o caminho do poder a dentro, numa radiosa promessa de bênçãos dos Céus.

Querem que outros morram antes do tempo, mas... José Benassaba morreu ao meio-dia

Paulo Lício Rizzo

Tornei-me contra a pena de morte por causa de José Benassaba.

Sua história me foi contada há muitos anos, quando eu ainda era criança. Dela, todavia, me esqueci quando comecei a entender um pouco do mecanismo econômico da sociedade e a perceber quão bom ladrão era o condenado José em face dos assassinos que aumentam o preço de gêneros de primeira necessidade, condenando milhares de inocentes literalmente à morte. Sempre achei horrível o Estado matar alguém no patíbulo ou na cadeira elétrica simplesmente por se tratar de evidente ato de covardia. Só deveria ser aplicado a assassinos covardes, matadores atocaiados, estranguladores de crianças. Por isso, não ficaria muito mal aplicada nos suaves negocistas e altos funcionários que matam inocentes com perfídia de causar inveja a Herodes.

E, por falar em Herodes, voltemos a José Benassaba.

Êle aprendeu a roubar desde cêdo. Sua mãe era ladra, seu pai um devasso, suas irmãs prostítutas e seus irmãos bandoleiros temíveis. José graduou-se com distinção na escola do crime e, antes da maioridade, já assombrava o país inteiro com suas façanhas. Note-se que nesse tempo, havia grandes ladrões sôbre a face da terra... Havia cobradores de impostos desonestos e vendilhões no templo. Não era, pois, de admirar que a eterna luta entre criminosos protegidos pela lei e criminosos por ela perseguidos culminasse com a condenação de José Benassaba, à morte.

* * *

Recentemente um fleugmático inglês inventou um método suave de matar criminosos. Êle é médico e, por isso, garante que sua injeção faz ainda mais suave a passagem dêste para o outro

mundo. Mais suave, dissemos e com razão, pois o último condenado à morte na Inglaterra teve sua execução anunciada da seguinte forma: "Fulano de Tal foi enforcado às 9:01. Nada sofreu." Ora, o médico inglês evidentemente não acreditou nessa informação e resolveu inventar um método que, de fato, fôsse uma eutanásia.

Naquela época o país de José Benassaba ainda não conhecera o domínio inglês. A forma usada para matar condenados era bárbara, quase tão bárbara como a cadeira elétrica, outra invenção anglo-saxônica para suavizar a morte. Pobre país atrasado aquêle que ainda não conhecera os benefícios da cultura cristã...

* * *

E um dos malfeitores que estavam pendurados blasfemava dêle dizendo: Se tu és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós.

Mas José Benassaba o repreendeu dizendo: Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? Pois, afinal de contas, nós dois estamos na mesma situação que êle, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas êle nenhum mal fêz.

Depois, tocado por algo estranho, por um apêlo que vinha do crucificado, José Benassaba, já a sucumbir de dôres, disse a Jesus:

— Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino!

E Jesus, com as mãos sangrando, o rosto pendido, o lado trespassado, pôde assegurar a José Benassaba:

— Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso...

* * *

... E era já quase a hora sexta, o momento exato que Deus escolhera para salvar aquela alma. A oportunidade para a salvação não veio na hora quinta ou na terceira. Foi exatamente alguns minutos antes da hora sexta. Foi hora que só Deus poderia marcar.

Mas os homens se esquecem da história de José Benassaba, o bom ladrão, a quem a tradição apelidou de Dimas, e continuam a matar ladrões, culpados ou inocentes, na hora terceira ou segunda, impedindo-lhes o encontro com o crucificado.

Grandes almas tinham os algozes de Jesus! Não mataram Dimas senão depois de o terem deixado encontrar a salvação de sua alma.

A extremidade para o homem é a oportunidade para Deus. Contra seus cristianíssimos algozes, defensores da fé cristã, levan-

JESUS, A MARAVILHOSA ALEGRIA DOS HOMENS

Paulo Lício Rizzo

Muitas cantatas compôs Bach. Em técnica e beleza é difícil saber qual a mais apreciada. No entanto, para o homem comum Bach é, antes de tudo, o genial autor de "Jesus, Alegria dos Homens".

Grandes escritores sondaram a pessoa de Jesus, encarando êste ou aquêle aspecto. Mesmo os que escolheram o lado escuro do usado exuberantemente em igrejas de vários países.

Qual a razão dêsse profundo apêlo popular do lado alegre de Jesus?

Inúmeras são as representações pictóricas do Mestre. Ao público evangélico, no entanto, elas pouco interessaram até que apareceu em 1940 o Cristo varonil e alegre de Warner Sallmonn, sofrimento messiânico, não puderam evitar umas tantas linhas de admiração pela profunda alegria de Jesus. Fosdick, na sua obra magnífica sôbre a personalidade de Cristo, foi ferido em primeiro lugar pela contagiante alegria de nosso Salvador e iniciou seu livro com um capítulo sôbre a Alegria do Mestre.

A alegria de Jesus é algo de maravilhoso, de envolvente. É como a luz dum dia muito claro que, embora ferindo nossas retinas, nos entusiasma e convida para maior e mais prolongada observação. A alegria de Jesus chega a ser contundente e, no entanto, nunca nos cansamos de absorvê-la, de respirá-la, de procurar vivê-la.

---

tar-se-ão dos túmulos, no dia do juízo, aquêles horripilantes sêres, entregues às cadeias do inferno, para clamar diante do trono branco de Deus pelos minutos, dias e anos que os separavam da salvação e que lhes foram roubados pela condenação à morte, pelo fuzilamento, pela guilhotina, pela fôrca ou pelas fogueiras lindas da inquisição.

E êsses cristãos, carrascos de criminosos e supostos criminosos, hão de responder pelo pior pecado: a descrença no milagre da regeneração que, para exemplo eloqüente e final, para testamento eterno, Jesus realizou justamente na última oportunidade que Dimas teria para se encontrar com êle. Jesus, por certo, não perdoará tanta falta de fé no seu poder para salvar na hora extrema. Que direito temos nós de abreviar a hora da última oportunidade?

"O seu nome será Maravilhoso..." anunciou Isaías falando da vinda do Escolhido das nações. Se Cristo é maravilhoso em muitos aspectos de sua personalidade, foi como alegria que o anjo do Senhor O apresentou aos pastôres naquela noite sem igual. "Pois eu vos trago uma boa nova de grande alegria que será para todo o povo. É que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, um Salvador que é Cristo Senhor".

Quando os magos, vindos do Oriente, partiram da presença do rei Herodes, para o caminho que a estrêla traçava no céu e êles copiavam na terra, traçando na areia do deserto uma trajetória em direção a Belém, onde estava o menino, eis que êles "se alegraram muito com grande alegria..." Para que tal ênfase repeticiosa de Mateus? A alegria que Jesus, menino ainda, já produzia nos homens era tal que o verbo "alegrar" apenas não seria capaz de expressar. Por isso, diz o evangelista:

"E eis que a estrêla que tinham visto no Oriente ia adiante dêles, até que, parando se deteve sob o lugar onde estava o menino. Ao avistarem a estrêla se alegraram muito com grande alegria..."

Maravilhoso prenúncio do que seria a vida daquele que "andou entre nós fazendo o bem", do que veio para cumprir a profecia que leu, interpretou e viveu desde aquêle dia de culto na sinagoga de Nazaré até a noite cataclísnica do Gólgota:

"O Espírito do Senhor está sôbre mim, pelo que me ungiu para anunciar boas novas aos pobres, enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e proclamar o ano aceitável do Senhor" (v, Lucas 4:16ss).

Que dizer daquêle que mesmo antes de nascer já era capaz de inspirar a mãe a cantar:

"A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador?"

Jesus é o mesmo, ontem, hoje e eternamente. Fêz encher de júbilo transcendente o profeta condor, fêz doentes saltarem de alegria e, até hoje, maravilhosamente enche de gôzo o coração dos homens.

O Natal é, assim, para quem já encontrou abrigo em Cristo, mais uma oportunidade para relembrar a inaudita alegria de Belém. Para os que jazem na sombra da tristeza e do luto, raia uma nova esperança, ao se encontrarem com Jesus, a maravilhosa alegria dos homens.

O Dever de Amar

Paulo Lício Rizzo

O cristão ora, crê, é honesto, puro e veraz porque tudo isso lhe foi ordenado por Cristo. São deveres irrecusáveis de nossa carreira. O Mestre mandou também que amássemos e colocou o amor como chave de tôda a lei.

É possível ordenar a alguém que ame? Talvez seja impossível ao ser humano controlar seus gostos. Mas o amor de que fala o Mestre está muito bem diferenciado — na linguagem do Novo Testamento — daquele sentimentalismo caprichoso cuja incontrolabilidade o povo expressou no ditado: "Gôsto e opinião não se discutem."

Há muitos cristãos que, na impossibilidade de cumprirem o mandamento supremo, transformam amor em gôsto ou opinião e dizem desconsolados: Infelizmente eu não posso me dar com tal irmão. O apóstolo amado, doce e fortemente, define o caso: "Se alguém diz: Eu amo a Deus e aborrece a seu irmão, é mentiroso." O amor que devemos ter ao próximo ainda não passou, na maioria das vêzes, dum capricho desmoralizante para o cristianismo.

A opinião nulifica, em muitos caracteres, o que há de mais belo no ensino e exemplo de Cristo. "Por uma questão de princípio..." — é o prefácio batido para disfarçar o fracasso de nossa capacidade de amar. Não há maior princípio do que o de amor. Tão sublime é a conexão entre o dever de amar o próximo e o âmago da religião, que o mesmo apóstolo do amor escreve: "Amados, se Deus assim nos amou, também nos devemos amar uns aos outros."

Criticam-se os revolucionários por disfarçarem, em palavras de amor, um ódio aos opressores. Fala-se pouco, todavia, do "statu-quo" baseado em leis de ódio às quais já nos acostumamos. Rousseau chamava a atenção para os brutos semi-animalizados da sociedade manicurada de seu tempo. É preciso que os cristãos de hoje amem aos sêres mal cheirosos, de pele encardida, dentes repugnantes e... estômago vazio. Caso contrário, nossa responsabilidade pela eclosão inevitável da revolta será tão grande como a dos cristãos da França, no século XVIII, ou da Rússia, no século XX.

Grande parte do demonismo cristão moderno, explica-se pela ignorância. Êsse demonismo aparece na luta doutrinária, exatamente entre aqueles que nunca procuraram conhecer o ponto de vista adversário, e ficam a lutar contra fantasmas, acusando de "modernista" ou "fundamentalista" com o mesmo pavor com que apontam um réprobo moral. Ao nos aproximarmos de indivíduos taxados de coisas ainda piores como "capitalistas", "integralistas" ou "comunistas", verificamos que, se há nêles o espírito de amor, nada revelam daquilo que o histerismo adversário lhes empresta. Conhecer, portanto, é o primeiro passo para o amor.

O conhecimento faz com que descubramos pontos de contacto — ou o sofrimento que nos bate da mesma forma que fere nosso irmão de idéias opostas ou a grande comunhão de interêsses que faz desaparecer os pequenos pontos de divergência. Há indivíduos que fazem tanta questão de acentuar as diferenças que se enquadram involuntàriamente no maldoso incidente narrado por Agripino Grieco sôbre o grande engenheiro e escritor que estava construindo uma estrada de ferro na Bahia. Não falava com os operários, conservando-se na linha de suas vestimentas caras e impróprias para o lugar. Certo humilde mulato cumprimentou-o naquela manhã: "Bom dia, colega..." O engenheiro empertiga-se todo: "Colega? Então o senhor também é engenheiro?" — "Não, eu também sou idiota..." — foi a resposta.

A ignorância dos cristãos está fazendo com que descubram tantas diferenças entre êles e os outros homens que já é difícil distinguir quais os filhos de Deus e quais os do Maligno, segundo o critério apontado por João: "Nisto são manifestos os filhos de Deus e os filhos do Diabo. Qualquer que não pratica a justiça e não ama a seu irmão, não é de Deus."

O fator mais importante para produzir amor é o próprio amor. "Se Deus assim nos amou, também nos devemos amar uns aos outros..." "Conhecemos o amor nisto: que êle deu a sua vida por nós e nós devemos dar a vida pelos irmãos."

João nem sempre revelou amor. Êle pediu fogo do céu para uma cidade inteira. Sua convicção sôbre o dever de amar cresceu pelo fato de que o Mestre o amou primeiro, tocando seu coração.

Quando Jesus apareceu a Pedro junto ao mar de Tiberíades, três vêzes lhe perguntou: "Simão, amas-me?"

Por que essa insistência do Mestre que chegou a irritar o impulsivo discípulo? É que para a restauração de Pedro havia apenas um caminho: o do amor. E quando Simão responde: "Senhor,

tú sabes tudo: tú sabes que eu te amo..." era como se dissesse: "Senhor, tú sabes que eu não poderia deixar de te amar. Eu te amo, porque tú me amaste primeiro. Quando eu te neguei perante uma criada, tú carregavas a cruz para minha salvação. Tú morreste por mim e agora, no meu desânimo e traição, tú vens até ao mar para me fazer voltar à glória do discipulato. Sim, Senhor, tú sabes que eu te amo..."

O caminho do amor é o caminho da vitória. Nossos argumentos pouco adiantam se não forem acompanhados por atos de amor. O velho ministro e amigo que não podia deixar de fumar apesar de todos os nossos conselhos era incapaz de acender um cigarro quando em visita a uma senhora católica. Por que? Aquela mulher, por dezenas de anos, abriu a porta ao marido que chegava bêbado, às altas horas da noite. Jamais reclamou, jamais ouviu conselhos para desquite. Quando ela pedia a seu amigo, pastor de outra religião: "Por favor, não fume em minha presença porque sei que isso faz mal ao seu corpo...", êle não tinha forças para deixar de atender ao pedido de amor.

O velho professor, apertado por salários de fome e doenças na família, foi obrigado a vender os seus livros. Vieram os judeus dos sebos com ofertas mais irônicas do que as gargalhadas do diabo. O amigo certo e escondido comprou as obras por meio da melhor oferta dos usurários. No dia de Natal, o professor as recebia, com lágrimas nos olhos, num presente de Papai Noel e, no ano seguinte, lecionou com dobrado ânimo fortalecido pela energia produzida pelo amor.

Deus escolheu o caminho do amor para lidar conosco. Êle deu seu Filho porque nos amou. A vida abundante que seu Filho nos promete é uma vida de amor. Há riquezas em amar. Vale a pena seguir os passos específicos apontados pelo apóstolo do amor, na memorável carta: "Quem pois tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhes cerrar as suas entranhas, como estará nêle o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade..."

Nada mais agradável a Deus, neste Natal, do que abrirmos a primeira epístola universal do apóstolo S. João e fazermos um exame do nosso amor. Prezado leitor, releia aquela carta e faça dela um guia prático para o cumprimento do dever de amar.

Judas e a Salvação pela Fé

UMA PROFECIA IMPERCEPTÍVEL

Paulo Lício Rizzo

Volvamos os olhos para a entrada triunfal em Jerusalém. O povo parece que sentiu realmente o cumprimento da profecia de Zacarias ao vê-la patentear-se no vitorioso Jesus que cavalgava o jumentinho.

"Alegra-te grandemente, ó Filha de Sião! Exulta, ó Filha de Jerusalém! Pois eis que teu Rei vem a ti: êle é justo e portador da Salvação; humildemente monta um jumento, sim um jumentinho" (Zacarias 9:9).

Assim, conscientemente, o povo se lembra da profecia. Era o mesmo povo que dela se esquecia tão fàcilmente. Daí a dias os teólogos da época determinariam que a interpretação, dada expontâneamente pelo povo naquêle momento divino, estava errada. E o mesmo povo pediria a morte do herege.

No entanto, povo e príncipes apenas cumpriam profecias da Palavra de Deus. Como a Bíblia é uma, o verbo, falado ou expresso, tem que se fundir no processo da história. Caifás, sem o saber, cumpriu a palavra profetizada, ao reunir os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo em seu palácio para planejar a prisão e morte de Cristo. Judas tornou-se a cópia fiel do negativo revelado em Zacarias 11. Maria ao ungir os pés de Jesus também cumpriu profecia.

Assim, pelos séculos a dentro, a voz de Deus se condensa em fatos, e não existe ser, humano ou não, que escape à voz da profecia. Todos vivemos por ela e dela, embora nem sempre o percebamos.

Para Deus não importa que o verbo se expresse em palavra, isto é, em profecia, ou em fatos, isto é, na história. Seus planos são eternos, ou melhor, seu plano, pois não se pode admitir pluralidade naquilo que é uno.

Deus não é infinito no sentido de ser a soma de todos os finitos, mas como entidade ímpar, absoluta, incomensurável.

Citamos Judas, cuja história é um minucioso cumprimento de Zacarias 11, incluindo o seu suicídio no campo do oleiro. Aquela

profecia, feita cinco séculos antes do cumprimento, representava Deus irado porque o povo lhe queria dar um preço. "Êsse o belo preço que me ofereceis? Essas trinta moedas de prata serão lançadas no mesmo monturo em que o oleiro do templo de Jerusalém lança os seus cacos..." E Judas querendo medir, computar o valor da obra de Cristo, negociando-lhe a vida por trinta moedas de prata, era o retrato perfeito do povo que desejava medir a Deus. Assim entendemos melhor o que foi a hediondês do crime do traidor. Procurou os sacerdotes do povo e negociou com êles a pérola que não tem preço. "Quanto me dareis para que vô-lo entregue?"

Há duas profecias muito relacionadas que se cumpriram naquelas mesmas imediações da Cidade Santa. Ambas levaram cinco séculos para terem sua expressão na história.

Uma completa o significado da outra. A primeira foi feita por Josué na primeira imigração do povo para a Terra Santa. A outra por Zacarias quando o povo regressava do cativeiro.

* * *

Quando o povo da Promessa, sob a liderança de Josué, destruiu Jericó, que restou na cidade, senão Raab, a prostituta, e sua família?

Passou Raab a ser um símbolo da salvação pela fé, conforme se lê em Hebreus 11:30, 31:

"Pela fé cairam os muros de Jericó, depois de rodeados por sete dias. Pela fé não foi destruida a meretriz Raab com o desobediente, tendo recebido aos espias com paz."

Aquelas pedras desmanteladas eram, portanto, o símbolo do poder divino em salvar, sem os méritos das obras. O livramento operado por Jeová não conheceu obstáculo no fato de Raab ser pagã e meretriz. Quando Josué, portanto, faz o povo jurar:

"Maldito seja diante de Jeová o homem que se levantar e reedificar esta cidade de Jericó..."

Estava claramente passando uma condenação profética contra o construtor de salvação pelas obras, o homem que ajunta pedra sôbre pedra, infantilmente procurando mudar a econômia divina.

Essa maldição cairá, 500 anos mais tarde, sôbre Hiel, conforme se lê em I Reis 16:34:

"Foi em seus dias que Hiel, betelita, edificou Jericó: quando lançou os seus alicerces, morreu-lhe Abiram, seu primogênito; e

quando colocou as suas portas, morreu-lhe Segub, seu filho mais môço; conforme a palavra que Jeová falou por intermédio de Josué, filho de Nun".

Qual a semelhança entre o cumprimento das duas profecias analisadas até agora?

* * *

Não é apenas o meio milhar de anos que essas profecias demoraram para encontrarem cumprimento, o seu ponto de contacto.

O lugar em que se cumpriram também é muito próximo.

Jesus descia do Norte, devendo ter passado por Jericó, antes de chegar a Betânia. Em Marcos, o evangelista que mantém melhor ordem cronológica, a entrada triunfal vem logo a seguir à cura do cego de Jericó (cap. X). Em Mateus 26, vemos que Judas passou a executar seu plano de traição, imediatamente após o jantar de Betânia, no qual Maria ungiu o Senhor Jesus. Embora Judas se deva ter dirigido para Jerusalém, em procura dos sacerdotes com os quais negociaria o Cristo, podemos localizar tanto o cumprimento da profecia de Josué como a de Zacarias, num raio inferior a 15 quilômetros.

Que fêz Judas? Perguntou aos principais sacerdotes: "Quanto me quereis dar para que eu vô-lo entregue?"

Qual o seu pecado? Procurar dar valor a uma coisa que não se pode aquilatar pelos padrões humanos. Não foi isso mesmo que indignou a Jeová na profecia? Notai a irônica descrição de Zacarias:

— "Se vos parecer bem dai-me a minha paga; se não, deixai-vos disso". Pesaram por minha paga trinta moedas de prata... Jeová, porém, disse: "Arroja-as ao oleiro da casa de Jeová..."

Nesse mesmo campo do oleiro, Judas viria a enforcar-se. Êle que também quizera medir o incomensurável.

Essa medição tem um aspecto doutrinário que analisaremos a seguir.

* * *

Quem é que procura medir Jesus?

Certamente não é aquela Maria de Betânia, cujo irmão, Lázaro, Cristo ressuscitara dos mortos. Não, para Maria, o Senhor Jesus não tinha preço. Ela podia, sem quase o sentir, economizar trezentos

dinheiros com grandes sacrifícios para comprar o precioso perfume que derramaria sôbre a cabeça querida do Salvador.

Ah! Sim, foi Judas quem descobriu que o perfume contido pelo vaso de alabastro valia 300 dinheiros, exatamente o dobro do que êle pediria para entregar Jesus.

Para Judas, Cristo é negociável, a salvação tem um preço. Para Maria que viu a ressurreição, seria supérfluo e infantil tentar medir Jesus.

Jesus ainda é medido, a salvação que êle dá e representa ainda é negociada. Se não, vejamos.

O que o leitor fará para merecer salvação? Boas obras, ensina uma escola, apegada às moedas de prata.

Sim, o leitor fará boas obras. Quantas boas obras? Quanto o leitor pensa que pode pagar uma salvação eterna? Algo feito no tempo e com as nossas limitações? Deixemos de negociar como novos Judas com os sumo sacerdotes do século...

O leitor se aperfeiçoará para ser salvo? Isso parece mais distinto. Mas não passa de negócio também. O seu aperfeiçoamento pode comprar a salvação? Mas, se o leitor é finito, por mais que se aperfeiçôe jamais há de merecer algo infinito. Se quer uma salvação eterna, deve, desde logo abandonar a idéia de negócio e fugir da mesa onde os Judas modernos tilintam suas caixas registradoras.

Não tente pagar o que não tem preço.

* * *

Suponhamos que a irônica profecia de Zacarias se repetisse aos nossos olhos. Deus se levanta diante do leitor e pergunta: "Se lhe parece bem, dê-me a minha paga..." Suponhamos que Jeová fôsse mais explícito: "Amigo, eu lhe tenho servido com minha providência, preservação e carinho. Você já sabe quanto valho. Portanto, se lhe parece bem dê-me a minha paga..."

Se os judeus tivessem noção ainda que precária dos ensinamentos recebidos pelos profetas, teriam que dizer: "Não, Senhor, tú não tens preço. Nada te daremos pois seria ofensa tentar te retribuir..."

Paulo nos ensina o mesmo princípio em sua carta aos Romanos. "Abrão creu em Deus e isso lhe foi imputado por justiça. Ao que trabalha, não lhe é imputada a recompensa por graça, mas

por dívida; porém, ao que não trabalha, mas crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé lhe é imputada por justiça..." (IV:3, 5).

Na economia divina o único salário de que Paulo fala é o do pecado: "O salário do pecado é a morte, mas o dom gratúito de Deus é a vida eterna..."

O leitor deseja salvação e, instintivamente, deseja saber que negócio fará para obtê-la. Mas trata-se de coisa que não tem preço. Não queira pois, amigo, tornar-se outro Judas.

A salvação não se obtém como salário, como paga de algum esfôrço ou aperfeiçoamento, mas como presente. Nada se faz para ganhar um presente de pai. Deus é pai e já nos deu êsse ambicionado regalo. Não depende de nossas boas obras nem de nosso aperfeiçoamento.

Então, para que fazer o bem? — pergunta-se naturalmente.

* * *

Se para consegui-lo eu pratico umas tantas boas obras e faço uns tantos esfôrços de aperfeiçoamento, então o meu Salvador valerá tanto quanto essas obras e esfôrços, em conjunto.

Se, porém, Jesus é um acontecimento ímpar em minha vida, se me foi dado como presente inesperado, de acôrdo com o texto fundamental do evangelho:

"De tal maneira amou Deus ao mundo que deu seu Filho Unigênito para que todo aquêle que nêle crer não pereça mas tenha vida eterna...",

então seu valor é incomensurável.

Não andarei, com Judas, a calcular o preço do perfume que Maria derramou sôbre Jesus. E terei que praticar boas obras não para ser salvo, uma vez que já o sou, mas, como diz Paulo,

"porque o amor de Cristo me constrange..."

Quanto vale Jesus para mim? Vale tanto ou mais do que para Maria, pois se ela viu a ressurreição do irmão eu contemplei a minha própria ressurreição para a novidade de vida em Cristo.

"Fomos, pois, sepultados com êle na morte pelo batismo, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em novidade de vida..."

Boas obras para o salvo pela fé, não se resumem em ações, mas em manifestação duma nova vida interior. E êle faz boas obras, porque possue vida e não porque a busca possuir.

Não Maltrate os Animais

Paulo Lício Rizzo

E' de Humboldt a célebre frase: "A civilização de um povo avalia-se pelo modo por que trata os animais". A maneira pela qual tratamos, não só os animais, como aqueles que se acham em situação inferior à nossa é sem dúvida um grande teste não só de nossa civilização como povo, mas também, e sobretudo, de nossa educação sentimental como indivíduos.

Vêde aquele moralista prègando a paciência e a boa vontade. Agora êle chega em casa e seu filhinho o bombardeia com perguntas infantis.

—Eu já te disse que a vaca dá

---

* * *

"Canaã é a herança dum povo que viveu pela fé e não pelas obras" — tal inscrição profética se podia advinhar nas pedras de Jericó destruida. Deus amava aquelas ruínas. A própria falta de vida daquelas pedras era um testemunho vivo do evangelho que ensina a graça livre e a justificação pela fé sem as obras.

Perto de Jericó, Jesus prega a mesma mensagem, não com o testemunho frio das pedras, mas com o calor de seus lábios de Mestre. Por isso, deve morrer. Hiel, o reconstrutor de Jericó, vive ainda na mentalidade deturpada dos sacerdotes, que interpretam as escrituras do modo mais conveniente para seus interêsses.

Judas, sem o saber, torna-se o objeto da vingança divina, que nêle pede contas a Hiel. O traidor vai entregar o seu Mestre, com um beijo hipócrita. E, no entanto, realiza o plano que Deus sempre tivera: o de entregar seu Filho para o resgate de muitos. Judas é o instrumento para essa entrega. Não pode escapar à profecia, pois a voz de Deus, semi-revelada nas premonições proféticas, encontra realização nos concretos fatos da história.

E Judas trái o Filho do Homem, perdendo a própria salvação, mas, sem o perceber, trazendo salvação para os que crêem.

Leitor amigo, deixe de lado seu pretencioso negociar de salvação e aceite a Cristo, dom gratúito de Deus para todo o que crê.

leite por que dá!... Fica quieto, menino!

—Mas, papai, porque a vaca é amarela e o leite sai branco?

—Não sei, meu filho. Cala a bôca!

—Mas por que é que o senhor não sabe, papai?

—Eu já te mostro por que!...

Aquelas mãos, que há pouco encenavam a harmonia da boa vontade em gestos suaves e largos crispam-se agora em golpes quase espasmódicos sôbre o corpo do menino. E a lição de paciência roda assim por água a baixo...

Há algo de ruim dentro de nós, um Mr. Hyde satânico que gosta de vir à tona de nossos sentimentos justamente quando nos achamos diante dos fracos: da mulher, da criança, dos animais... Um ditador sintetizou nesta frase a manifestação dessa fôrça malévola na política: Para as nações fortes, diplomacia; para as fracas: canhões...

Essa tendência é bem maior do que se supõe e se ela não aparece muito é porque a polícia proibe e a sociedade se escandaliza com as suas manifestações mais baixas. Senão...

* * *

Pobres animais que não podem se queixar à polícia, nem chamar a atenção da sociedade!... Vocês têm que suportar grande parte da maldade incubada nos nossos corações. E' o que se vê pelo Brasil a fora, onde a população não é absolutamente peor do que as outras nesse respeito.

O menino valente apanhou do moleque naquela rua do Braz e... lá no fundo do quintal foi vingar a dignidade ofendida dando pauladas coléricas nos bichanos da mamãe.

—O chimarrão está fervendo?

—Só jogando no lombo dêsse cão para saber... (e estava... o Fiel saiu grunhindo com o rabo entre as pernas enquanto o gaucho, sem reparar na súplica daqueles olhos pacientes, sorvia a bombada de mate, espelhando no olhar uma estranha e maldosa alegria...).

O carroceiro no cais do Rio tem pressa... e quem sofre é o muar. O relho não é suficiente para dar velocidade ao veículo. Pois bem, existe o cabo do relho para isso...

Veio a seca no Ceará com as migrações em massa, nas quais as maiores vítimas foram os bois e vacas obrigados pela madeira a caminhar até morrerem de sêde para, então, servirem de alimento.

Aquele granfino (êle é muito delicado e conceituado na sociedade pois sabe dizer cousas bonitas com ares de Charles Boyer) foi veranear em Petrópolis e tocou o cavalo a galope nas subidas do morro. O animal sucumbiu e o granfino comentou vito-

rioso: "Já é o terceiro a estourar comigo no lombo!"...

A filosofia do inglês que invejava a boa vida do seu "bull-dog" argumentando que, além de tudo, "cão morre, está acabado; a gente morre ainda tem que ir para o inferno", essa filosofia não se aplica muito, pelo menos no Brasil, onde vida de cachorro é geralmente "vida de cachorro" mesmo... Virando latas nestes tempos de racionamento, quando mesmo no lixo nada se encontra de aproveitável, o nosso "street-dog" vive a sonhar com um passeio de carrocinha ou uma "bola" que dê cabo dessa existência desastrosa...

Isso o cachorro das cidades grandes. Lá pela Maleitolândia, especialmente em Ancilostomópolis, os caninos vivem gandíferos (sem leite de cabra, nem mel de abelhas...) a dar voltas pelo cemitério uivando em noites de frio, como se pedissem a morte.

* * *

Mas até na morte dos animais irracionais, os racionais hão de revelar sua maldade.

Humberto de Campos, desprezando o campeão dos mata-pombos Leon Eloy, que abatera 24 pombos em 24 tiros, interroga-o ("Destinos..."—pág. 72): "Você teve, porém, já, alguma vez, ocasião de deter-se examinando um só dêsses pombos que a sua espingarda derrubou? Certamente, não. Tivesse você olhando um pombo moribundo, Léon, e nunca mais levantaria a sua arma para abater outros pombos. Os seus olhos redondos e vermelhos pousariam em você. Olhar de indignação e de dôr. Olhar de mêdo e de súplica. Olhar de surpresa e de perdão..."

Não é preciso ter a imaginação do escritor maranhense nem a teoria sentimentalista do "respeito à vida" pela qual Alberto Schweitzer não espantava os mosquitos que lhe sugavam o sangue ariano nas selvas da África, para vermos que há algo de brutal no sacrifício inútil e no maltrato dos animais.

Fique o leitor com a espingarda ao ombro num bosque agradavel onde o marulhar do regato e o farfalhar das folhagens servem de fundo sonoro às melodias dos pássaros. Ninguém por perto... Parece que tôda aquela harmonia musical foi feita para ti e que o gorgeio das aves se dirige unicamente à tua conciência. Não é brutal interromper êsse concerto com um tiro dissonante? Não é inútil, embora diabòlicamente espetacular, a queda fatal daquela massa de penas lindamente coloridas? Para que então sacrificar tudo isso? Não resta dúvida de que foi Mr. Hyde quem insinuou êsse prazer orniticida.

* * *

Nem todos possuimos dentro de nós um Dr. Jekyll capaz de

controlar as diabruras de Mr. Hyde. Foi por isso que nos trouxe grande alegria a notícia de que a União Internacional Protetora dos Animais, por intermédio do Dr. René Thiollier, seu presidente e ilustre secretário perétuo da Academia Paulista de Letras, fez há dias chegar às mãos das autoridades administrativas do país cópias do decreto federal n.º 24.645, de 10 de julho de 1934 (dia em que foi assinada também a lei de proteção ao operário — outra vítima fácil de certas maldades humanas), cópias essas que foram tomadas em grande consideração como o provam inmeros telegramas recebidos pela benemérita sociedade.

A "lei é o pedagogo" e fazem muito bem não só as sociedades protetoras dos animais, como autoridades e particulares quando procuram avivar na conciência do povo certos decretos um tanto esquecidos... O art. 175 do Código de Caça e Pesca diz: "Cabe a qualquer pessoa o dever de opôr-se suasòriamente, à prática de atos que importem em infrações dêste Código e de levá-los ao conhecimento da autoridade competente". Êsse "suasòriamente", talvez por ser uma dessas palavras difíceis chamadas "jurídicas", é que pode ter muitas interpretações. Há dias presenciamos esta cena: a mulher espancando o cão... Um vizinho acudiu e berrou: "Isso é uma "deshumanidade". Se a senhora continua, eu lhe quebro de pauladas"...

Era uma oposição eminentemente suasória... Entretanto, cremos que muita cousa pode ser feita pelo povo na aplicação daquele dispositivo legal. Sempre nos queixamos de que a lei não é executada. Vamos ajudar as autoridades, denunciando os abusos que a todos os momentos vemos pelas ruas ou pelos campos. Talvez assim muitos indivíduos hão de se tornar, pelo ensino e repreensão da lei, homens de sentimenots mais elevados, capazes de tratarem seus inferiores com bondade... e de não sorrirem debochadamente ao verem nas esquinas das ruas a célebre placa de bronze com a inscrição, que ninguém mais lê, por sabe-la de cór: "Não maltrate os animais"...

Jesus elogia os Fariseus

Paulo Lício Rizzo

O trecho é: Lucas 22:47-53. Já o lera muitas vêzes sem perceber dois pormenores sob luz completamente nova para mim. Pedro puxa da espada e, certo de estar defendendo o Mestre, corta a orelha do servo do sumo sacerdote. Jesus diz: "Deixai-os, basta..."

Não é novidade que possìvelmente Jesus queria dizer com êsse basta: O' Pedro, há tanto tempo estamos juntos e ainda não entendeste que o meu reino não se estabelece com espadas? E' bastante, chega de violências! E os Pedros, através dos séculos, encontram em Pedro, o eremita, uma auto-fotografia. A pregação das cruzadas, feita pelo monge medieval, era precedida do slogan: "Por Cristo e pela Igreja". Por Cristo, em nome do suave Nazareno, os cristãos trouxeram para a Idade Moderna o hábito pouco recomendável de matar em nome de Jesus. As grandes guerras de hoje são travadas em nome do cristianismo, da civilização cristã...

Ouvi, há anos, um disco onde estavam gravadas as maiores palavras dêste meio século XX. Hitler, Marconi, Clemenceau se tornavam presentes através da vitrola. Eis uma das frases mais recentes. E' uma prece a Deus, feita por um capelão, numa das ilhas Marianas. "O' Pai de Amor, guarda estes rapazes para que executem bem a missão que lhes confiaste..." E a missão foi bem executada... O avião, com diabólica precisão, deitou a primeira bomba atômica feita com a cristianíssima missão de destruir 70 mil inocentes... Antigamente quem fazia isso era Herodes, o inimigo do menino Jesus.

A polícia proíbe o uso da espada de aço, mas não pode proíbir a violência intelectual. Ricardo, Coração de Leão, numa das Cruzadas, encontrou-se com Saladino e lhe quiz mostrar objetivamente a impossibilidade dos sarracenos defenderem o Santo Sepulcro. Com violento golpe de pesada espada medieval quebrou, aos olhos do infiel, uma forte barra de ferro. Saladino não se impressiona. Joga para o alto uma levíssima manta de seda e puxando de sua afiada cimatarra, corta o pano em dois, sem deixar ao menos esfiapar um nada. Se na espada material os cristãos sempre foram mais bru-

tais que os infiéis, na espada intelectual parece que, hoje em dia, esgrimem com serrotes.

Era evidente a situação inferior e mesmo ridícula de Pedro. E aqui a primeira novidade no entendimento do trecho. Lucas, o médico sábio, estilista sereno, não cita o nome do apóstolo, que só é identificado pela leitura do evangelho de João. Qual teria sido a razão dessa omissão? Possìvelmente o fato de Pedro ainda estar vivo e assim Lucas, ao escrever a vida de Jesus, não quiz lançar sôbre o grande apóstolo qualquer pecha desagradável. João, o último evangelho a ser escrito, não precisava de tal precaução. Qualquer que seja a verdadeira causa, o fato é que ainda hoje, líderes da igreja bem fariam se evitassem que suas atitudes de violência intelectual fôssem ignoradas, especialmente pelos homens cultos.

Já houve um tempo em que protestantismo era, em nosso país, símbolo da mais completa liberdade de exame, dentro do maior respeito. E aqui aparece a segunda novidade sugerida na leitura do texto. "Disse Jesus aos principais dos sacerdotes e capitães do templo e anciãos: Saistes, como a um salteador, com espadas e varapaus? Tenho estado todos os dias convosco no templo e não estendestes as mãos contra mim...".

Sim, é Jesus mesmo quem o confessa, os chefes eclesiásticos de sua época foram, pelo menos, cortezes. Ouviram a Jesus no Templo. Jesus disse as maiores blasfêmias contra o judaismo... dentro do Templo.

"E pela manhã cedo tornou para o templo e todo o povo vinha ter com êle e, assentando-se, os ensinava... Falou-lhes pois outra vez dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas", foi com essas palavras que João iniciou a narrativa duma série de discussões, dentro do templo, entre Jesus e os chefes da igreja. Se hoje, o Mestre voltasse ao mundo, talvez a maioria das igrejas cristãs não lhe dessem oportunidade de ensinar, de expulsar os cambistas de dentro delas, de condenar as nossas práticas econômicas e o nosso gritante mundanismo.

Dirá alguém: Mas, finalmente os fariseus mataram a Jesus! Respondemos: Mesmo nesse caso, usaram das próprias palavras do Cristo que se dizia igual a Deus, e moveram-lhe um processo mais ou menos legal e deram oportunidade para defesa.

Muitos concílios da moderna democracia evangélica estão se desmoralizando pelo hábito inveterado de condenar e taxar de hereges ilustres ausentes indefesos.

De qualquer maneira, a atitude reacionária, de embaralha-

A CALMA RECEPTIVIDADE DA ORAÇÃO

Paulo Lício Rizzo

No meio de tantas e tantas opiniões dos modernos escritores devocionais, muitos dêles demasadiamente influenciados pelos silogismos psicológicos, é bom que encontremos o meio termo feliz para nossa prática da oração. Naturalmente Jesus é quem nos pode orientar no assunto. Se, de um lado, as duas únicas parábolas que Êle nos contou sôbre a oração falam dum amigo inoportuno em apuros e duma ansiosa viúva em desespêro, de outro suas instruções sôbre o quarto onde, a portas fechadas, devemos orar e seu exemplo retirando-se para o Monte das Oliveiras, nos mostram que em nossas devoções devem coexistir a calma e a ansiedade.

Esperar implica na concentração de nossos poderes mentais em algo que vai acontecer. Ao orarmos, esperamos pela manifestação de Deus. Essa espera é doce-amarga. De um lado, precisamos da disciplina do iogue e de outro da despreocupação das crianças. De um lado, a negação de nós mesmos, esquecendo-nos, pelo relaxamento físico, pelo silêncio e escuridão; e de outro, uma grande afirmação de nossos desejos mais puros e mais prementes.

Num sentido, aceitando o apêlo de Paulo, nós batalhamos em

---

mento das liberdades, afasta das igrejas cristãs a oportunidade de se elevarem um pouco aos olhos dum mundo que não pode ver em nós os defensores, nem da tradição libertária dos judeus, nem do "Examinai tudo" de Paulo e muito menos do livre exame proclamado pela Reforma. Em muitos aspectos, o nosso comodismo intelectual e a nossa preguiça tradicionalista estão nos colocando em plano bem inferior ao dos fariseus.

oração. Noutro, é na oração que, como o salmista, nós dizemos a nossa alma: Descansa em Jeová e com paciência espera por Êle. A oração — um grande combate e ao mesmo tempo um restaurador descanso. Não sabemos ao certo qual rêsses aspectos é o mais sublime. Sabemos, porém, que o clamor é quase instintivo no homem, esteja êle acostumado ou não a orar. Aquela atitude calma, de receptividade, aquêle anelo traduzido, em nossa concentração espiritual, na galvanização de nossos poderes pela presença divina, aquilo é algo mais raro em nossas vidas.

Daí, asseverarmos que o clamor representa um degrau inferior na escada da oração. E' bom pedir, pois ao pedirmos obedecemos à ordem do Mestre. Mas pedir é muito pouco. Há muitos crentes que pedem; há poucos que esperam pela resposta e ainda menos são os que recebem a comunicação do Espírito Divino segredando correções, distribuindo gôzo e curando as feridas da alma.

Como é possível atingirmos a calma receptividade da oração?

Em primeiro lugar, devemos ter bem claro em nossa mente que receptividade implica em receber. Portanto, penetramos os umbrais do templo da oração, cônscios de que o que empresta grandeza ao culto não é a nossa mente pobre e cansada mas o grande coração de nosso Pai Celestial. Aquela Alma imensa tem muito a nos dizer, muitíssimo a nos transmitir. Se quisermos falar demais, empobreceremos o grande encontro, pois que mais poderemos oferecer senão os nossos pedidos da nossa gratidão marcados pelo nosso pecado?

Quando um jornalista entrevistou Sundar-Singh e foi informado de que o grande santo orava cinco horas tôdas as manhãs, perguntou estupefato: Mas que é que o senhor pede em cinco horas? A resposta foi clara e penetrante: Nada peço. Fico apenas esperando pela deliciosa comunhão com Deus. E Êle me segrada coisas tão agradaveis que o difícil para mim não é ficar cinco horas em oração, mas ficar apenas essas cinco horas...

O nosso egoismo e o nosso convencimento fazem-nos crer que temos algo de muito importante para dizer a Deus. Somos como

aquêle grupo de senhoras que procurou um professor a fim de que êle explicasse determinado problema. O intelectual falou dois minutos e foi interrompido por uma delas. Depois outra o interrompeu. Uma terceira não se conteve e entrou no jôgo. E, por cêrca de uma hora, ficaram elas passando a bola entre si, enquanto o mestre se calava...

O nosso ridículo não é menor. Quem não se enfada com essas reuniões de oração em que os crentes pregam verdadeiros sermões ao Pai Celestial? E como é triste o seminarista que se tortura na fabricação de frases ribombantes como se fôsse possível com elas fazer abrir os céus para suas orações públicas? A mentalidade de seminarista acompanha muitos clérigos pela vida afora... Por falar nisso, onde se encontra hoje uma igreja como um pouco de silêncio? O programa da hora de culto é feito com a precisão dum horário de Estrada de Ferro. O leitor já pensou na grande função deseducadora de nossas igrejas? Se a finalidade das igrejas é levar o homem à comunhão com Deus, que método é êsse que deixa Deus sem oportunidade de falar ao crente? O liberalismo evangélico deixa isso por conta do indivíduo, citando as palavras do Mestre: E tu quando orares entra em teu quarto... Mas, não quebramos nós a letra e principalmente o espírito daquela recomendação com nossos cultos barulhentos? Evidentemente Jesus não circunscreveu nossa prática devocional ao dormitório. Muito menos o faria hoje, quando os quartos de apartamento, de pensões e mesmo de certas casas são os lugares menos quietos, menos convidativos à comunhão. O ambiente de calma, de receptividade que, naqueles bons tempos, imperava nos quartos é o que Jesus exige de nós e de nossos lugares de adoração. "Orar em pé nas sinagogas e nos cantos das ruas" — qualquer que seja a forma que isso assuma em nossos dias é o maior obstáculo à atitude receptiva.

Em segundo lugar, devemos não nos esquecer de que Deus também não gosta do espetacular. Como a Elias, Jeová não se compraz em revelar-se em furacões, nem em terremotos e nem em tempestades, mas numa "voz dum suave silêncio". Parece a alguns

estranho que a Grande Presença se faça sentir pela mais natural, pela mais esperada das formas. Se nós queremos ouvir a Sua Palavra, devemos buscar a Sua Palavra. Devoção sem Bíblia tem valor muito duvidoso. Como é que Deus começa a nos falar? No silêncio do recolhimento abrimos a Sua Palavra. O Espírito Santo ilumina-nos para que A compreendamos sob uma luz diferente. As mesmas velhas palavras adquirem outro significado, adaptando-se maravilhosamente às circunstâncias presentes.

A voz suave de Deus parece ter uma preferência pelas repreensões. E é por isso que muita gente não vai adiante nessa prática. O texto, que antigamente parecia tão inofensivo, assume agora uma diáfana penetração, atingindo-nos rigorosamente em algum ponto sensível. Transforma-se numa ordem e... aí de nós se não tivermos um espírito receptivo. Caso não cumpramos o mandamento endereçado por Deus às nossas fraquezas, notaremos que Êle se calará em nosso próximo encontro. Por que isso? Porque de Deus não se zomba. E' uma terrível responsabilidade ouvirmos a Sua Voz através da Sua Palavra...

Mas se formos calmos, receptivos e obedientes, notaremos algo de maravilhoso. Deus parece que tem mais prazer em conversar conôsco. Êle nos fala agora com mais facilidade. A Sua Palavra se enriquece em progressão geométrica e a Sua Voz se torna cada vez mais deliciosa. E então, vencidos por essas ondas de gôzo, nós poderemos também dizer como Sundar Singh que o difícil não é ficarmos longas horas em oração. O impossível, o repugnate para nós será fugir à comunhão com o Pai. Filhos obedientes, ansiosos por aquêles momentos sem igual, nêles penetraremos satisfeitos, descansados na calma receptividade da oração.

O Espírito e a Espôsa

A linguagem do Apocalipse nos apresenta, no capítulo último das Escrituras Sagradas, a figura do Espírito e da Espôsa dizendo: "Vem... Bebe da água da vida..."

Vivemos na época ou dispensação do Espírito que nos foi dado no dia de Pentecostes. Cristo foi recebido à mão direita de Deus, onde intercede **por** nós e nos mandou Seu Espírito que intercede **em** nós. Vivemos também na dispensação da Igreja. Ela é a espôsa do Cordeiro, entregue ao Espírito. Quando, no fim de tôdas as coisas, o Espírito tiver preparado a Espôsa, o seu trabalho de Paraclito, de distribuidor da Graça, ultimar-se-á com as bodas do Cordeiro. Outro nome que se pode aplicar à atual dispensação baseada na salvação gratuita é contido nesse trecho de Apocalipse (22:17): "quem quiser tome, **de graça**, da água da vida".

Portanto, o Espírito Santo conduz a Espôsa do Cordeiro a beber da água da vida, num perfeito casamento de anseios. Segue-se que a Espôsa deve estar sedenta neste mundo. "Quem beber desta água nunca jamais terá sêde" — afirmou Jesus.

Por que então, a espôsa ainda está sedenta? Porque não lhe foi possível realizar, neste mundo, o seu objetivo total. Muitas vezes sentimos o frescor refrigerante da água, mas não nos dessedentamos completamente. Pelo contrário, ao prová-la ainda mais sêca se torna a nossa garganta neste deserto em que vivemos. E. por isso, conhecendo a água cristalina da fonte, almejamos o dia em que a ela chegaremos de forma definitiva para a completa satisfação de nossa profunda sêde espiritual.

"E o Espírito e a espôsa dizem: Vem.
E quem ouve diga: Vem
E quem tem sêde, venha
E quem quiser tome de graça da água da vida".

Descobrem-se aqui dois sentidos do verbo vir. A igreja e o Espírito Santo ansiosos pela segunda vinda de Cristo e o convite

Princípios da Consagração

"Pela misericórdia de Deus", roga Paulo aos Romanos que apresentem os seus corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. "Rogar" é um termo favorito do apóstolo nas porções hortatórias de suas cartas. "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados" — escreve aos Efésios (4:1) e aos Tessalonicenses suplica: "Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar

---

para a gratuita salvação em Jesus, que se aponta como "a maravilhosa estrêla da manhã".

O Apocalipse é Cristo falando pela pena do vidente de Patmos, e dizendo:

— Certamente cedo venho (v. 20).

E João responde:

— Ora vem, Senhor Jesus.

João fala pela espôsa. Se esta, na atual dispensação, clama aos homens, juntamente com o Espírito, "Quem tem sêde venha", também olhando para o seu espôso, implora, "Ora vem, Senhor Jesus!"

E assim Espírito e Espôsa fazem, em nome de Jesus, o convite para os pecadores, repetindo o que disse Cristo no dia da grande festa:

"Se alguém tem sêde venha a Mim e beba...".

Quanto mais ràpidamente fôr expedido tal convite, mais depressa também chegará o cumprimento do grande anseio:

— Ora vem, Senhor Jesus.

Paulo Lício Rizzo.

a Deus, assim andai, para que abundeis cada vez mais." — (4:1).

O princípio da exortação, do apêlo sincero, em nome da compaixão revelada por Deus em nos salvar, é o único meio de se evitar a moral farísaica tão comum nas religiões. Como diz Bengel: "Moisés ordena; o Apóstolo exorta."

Nós fazemos o bem *porque* estamos salvos e não *para sermos* salvos. A moral necessita duma dinâmica. A conduta requer uma fôrça a impulsioná-la. Tal poder é encontrado nas misericórdias de Deus, essência do Evangelho. A motivação do comportamento evangélico é a graça. Nas palavras do célebre sermão de Spurgeon, "Tudo é de graça...".

Mais do que voluntário, o sacrifício do crente é expontâneo. "Rogo-vos que apresenteis os vossos corpos..." A figura nos leva ao antigo cerimonial onde o ofertante fazia a oferenda voluntária; traz-nos também, por outro lado, aos pronunciamentos proféticos: "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado". Quebrantado pelo drama da cruz, o nosso espírito, a nossa personalidade completa se ajoelha no culto racional do sacrifício do corpo.

Aliás a expressão "corpos" está aqui significando o próprio ser, de modo que o apelo implica a consagração de tôda a nossa personalidade. Como tal implica também, é lógico, os nossos poderes físicos e instintivos. Pio XI recomendou certa vez: "Sêde cristãos, mas sêde virís, praticai o evangelho e praticai os esportes; não negligencieis vossa alma nem vossos corpos."

Assim, as autoridades religiosas reconhecem que um "sacrifício vivo" será tanto mais aceitavel quanto mais viril, mais forte. Eis uma grande base evangélica, sabiamente usada por S. Santidade para aconselhar os cristãos a fazerem-se sacrifícios agradáveis a Deus.

P. L. R.

Esta é a tua Igreja

A tua igreja é algo de que te podes orgulhar. A igreja é a prova maior de que Deus escolheu as coisas pequenas dêste mundo para confundir as grandes e as que não são para confundir as que são. "As portas do inferno não prevalecerão contra ela" e isso quer dizer, não que a igreja resistirá apenas às investidas de Satanás, mas que a cidadela infernal, o resíduo do maligno será impotente para sustar o avanço da Igreja. A tua igreja, caro irmão, está na ofensiva. E' preciso que te compenetres disso para também te alistares na grande avançada. Porque nossas armas são poderosas para a destruição de fortalezas, não existe razão alguma para esperarmos passivamente os ataques do inimigo. Maria Stuart temia mais as orações de John Knox do que milhares de soldados.

A tua igreja peleja em oração e espera que tu possas participar das suas grandes vitórias. Assim dela te orgulharás e dirás com redobrada satisfação: Esta é a minha igreja, a vitoriosa igreja que Deus me deu para nela sentir glória sôbre glória, maravilha sôbre maravilha.

Nunca desprezes, tua igreja, pois isso é desprezar-te, é diminuir-te, é confessar o teu fracasso. Vence, pela oração, com tua igreja.

Lembra-te, pois, ao sentires vontade de criticar a igreja, de que tua crítica pode muito bem ter sido gerada pelo fato de que não estás batalhando em oração e jejum.

Ùnicamente quando vires a bateria tôda da oração em atividade e te maravilhares com seus estupendos resultados é que poderás compreender o quão sublime é a igreja militante.

P. L. R.

POESIAS

DELAS E' O REINO DOS CÉUS

(Composto e lido perante o Primeiro Congresso Nacional da Aliança pró Evangelização de Crianças reunido no Instituto Bíblico da Pedra, Distrito Federal, Julho de 1950).

Paulo Lício Rizzo

Quereis que o vosso nome brilhe como os astros?
Escrevei-o, então, na alma das crianças
que dêle jamais se esquecerão...
Sonhais em construir um mundo mais ditoso?
Dizei-o, então, ao ouvido das crianças
e elas, um dia, o edificarão.

Tendes uma palavra de esperança à triste humanidade?
Dai-a aos pequeninos, dai-lhes as sementes
que, no futuro, em suas vidas brotarão
Em suas mentes, ainda puras e sem ódios,
vereis que a bondade estende raízes fundas e faz-se realidade.
Nelas mora, talvez, um Lincoln, um Ruy Barbosa
que brinca, pensa e sonha com um mundo ideal.

Tendes em vossa mão um raio de luz pura
que ensinar-lhes podia a desafiar o mal?
Dai-lhes sem demora... e o pendão glorioso
de Cristo, o Salvador,
no porvir majestoso dum sonho nacional,
ditosas mãos pequeninas
hão de erguer, corajosas,
no coração do Brasil.

A ENTREGA DO TALENTO

P. L. R.

Mas esquecido, então, dos últimos fulgores
Do mundo que bem longe esmaecendo vai,
Vejo, no céu, o brilho intenso dos alvores
Dum novo reino, o reino eterno de meu Pai.

E a glória divinal dum novo e belo canto
Balbuciando irei, emudecido e quedo...

E o Pai, o meu Senhor, há de dizer, no entanto:
"Não há temor pr'a o servo em quem jamais o mêdo
Tomou no coração guarida permanente
Continua a marchar olhando para a frente...
A glória que te cerca, a melodia linda
Que hoje estás ouvindo estático e feliz
Ressoa em todo ser que na peleja infinda
Lutou por mim no campo em que levá-lo eu quis."

Luz, mais luz! Doce luz na abóbada celeste,
Imaculado sol que nunca teve Oeste!
Glória, vida, fulgor, inenarrável gôzo
Circundam de esplendor ao Todo Poderoso.

E eu direi a Deus na plácida mansão:
"Eu fui um servo inútil, eu nunca tive nada
Que não representasse o quanto eu fôra vão,
Por que contemplo agora a esplêndida alvorada?"

"Porque com todo o dom que um dia eu te entreguei
Fizeste o que pudeste em honra do teu Rei.
Devolve-me o talento humilde que é meu
E goza para sempre o Reino que é teu..."

O LAMENTO DO ESTALAJADEIRO

Paulo Lício Rizo

"Pois a estrêla fulgiu aquela noite inteira" —
Contaram-me, depois, qual nota alvissareira...
E, no entanto, p'ra mim, que recusara pouso
Ao humilde casal — Maria e seu espôso —
A notícia soou qual fúnebre lamento
Dum plano mui feliz, desfeito no momento
Em que a porta fechei ao Salvador do Mundo.
De lágrimas sentida'os olhos meus inundo
Ao lembrar-me do canto angelical e lindo
Que, contam-me agora, o côro das alturas
Despejou no deserto enluarado, infindo,
Qual musical borbulho — encantado de águas puras...

Que mais eu via então? A grande massa humana
A procurar pousada, a comprimir-se insana

Entre o gado a mugir e ovelhas barulhentas...
O vozerio vil... Crianças sonolentas...
Era chôro e atropêlo, enquanto eu, ocupado,
Atendia ao rebanho, aos hóspedes e ao gado,
Sem perceber sequer, no azáfama terrível
Que lá na manjedoura — ó Divinal possível! —
Nascia o Salvador, os magos o adoravam,
Com ouro, incenso e mirra, o homenageavam.

Eu choro ao recordar, eu tremo ao perceber
Que no meu coração, na noite sem igual,
Não havia um lugar, p'ra Cristo eu receber...
E, como eu, mais tarde, em noites de Natal,
A humanidade rica em bênçãos terreais
Não poderia ouvir os hinos eternais
Que o próprio Cristo entoa ao pecador cansado
Num convite de amor ao filho bem amado.
"Ainda há lugar na ceia" — O Mestre está chamando.
E a humanidade má, os olhos seus fechando,
Caminha cega e surda ao rumo traiçoeiro
Que escolheu para si, o estalajadeiro.

REFÚGIO INABALÁVEL

Interpretação do Salmo 84

Paulo Lício Rizo

Amáveis tabernáculos de Deus
onde, contentes, todos filhos teus
os votos vão cumprir!

Eu sinto nalma um palpitar ardente
que a faz vibrar e a enleva suavemente
na ânsia de subir!

Porque mesmo o pardal encontra casa
e a andorinha pouso para a asa
cansada de voar...

e no teu Templo tem nas noites frias
abrigo quente e palhas tão macias
nos ninhos sôbre o altar!...

Quão bem-aventurado quem habita
nessa casa tão santa, tão bendita
e fica a te louvar

Que põe em Ti sòmente a confiança
e marcha sempre cheio de pujança
ansioso por lutar!

Êsse varão por Deus auxiliado
jamais se sentirá desamparado
nas horas do sofrer...

Porque se agora as águas são amargas
e novas chuvas trazem novas cargas
terás que fenecer?

Pelo contrário... Lembra as horas doces
que passaste no Templo qual se fôsses
um santo a meditar...

Porque elas se transformam num momento
em fontes de poder e de sustento
jorrando a borbulhar...

Sentes agora tôda a maravilha
que faz de tua vida suave trilha
ao monte de Sião?

Sentes que o braço forte do Senhor
não é apenas sonho enganador
da tua devoção?

Que o Deus que outrora ouviu a prece ardente
é o mesmo que te torna mais valente
nas horas de lutar?

Jeová não é sòmente teu escudo
nas noites de tristezas... Êle é tudo...
que podes desejar!...

E dizes pois: Não vale mais a pena
um dia nessa casa tão serena
que, em outras tendas, mil?

Porque êsse Templo tem p'ra nós o efeito
do ar que purifica nosso peito
nessas manhãs de abril...

Jeová é um sol ardente sobranceiro
que nasce glorioso o outeiro
e vem nos aquecer...

Êsse calor de tê-lo sempre perto
fará teu coração sentir desperto
em lindo alvorecer

Andando agora em Sua graça plena
verás que a dor se torna mais amena
quais nuvens a passar

Porque Jesus, o Cristo meigo, terno
é agora o teu amparo eterno
nas trevas a brilhar.

Na plenitude augusta dessa Luz
em que o brilho maior é a própria cruz,
serás então feliz

E cantarás as santas melodias
do coração ardente de alegrias
num hino que O bendiz:

Senhor Onipotente, Deus de Glória
que traças nossa luta e tôda a história
da vida Universal!

que reservaste neste mundo infindo
onde tudo é grandioso, ingente e lindo
p'ra êste vil mortal?

Não sei... Nem poderei sabê-lo ao certo...
Sinto-te imenso embora muito perto
da alma em sofrimentos...

E assim eu sou feliz bem-aventurado
pois crente estou que estás ao meu lado
em todos os momentos!...

* * *

Amáveis tabernáculos de Deus!
Antes um dia nesses átrios teus
que vida tôda em tendas da impiedade!

No Templo Santo tudo me deleita...
Minha alma aflita, nêle satisfeita
sente, ao sair, um vácuo de saudade...

CRÔNICAS

Oferecemos aos leitores algumas das saborosas crônicas que Paulo Rizzo publicou nas suas colunas diárias: "Coluna Evangélica" e "Vida Evangélica" dos jornais "O Tempo" e "Diário de S. Paulo", desta Capital.

TOTENS E DEUSES

A manifestação da ira de Deus sôbre tôda a natureza é uma conseqüência do fato de que tôda a divindade se retrata na criação.

O fato de que os aborígenes, em culturas, trocavam, na linguagem de Paulo, a glória da divindade pela imagem de homens, animais e répteis, possui a sua mais remota origem na inicial glorificação do Criador pela criatura. O que Paulo nos aponta nos versículos 18 a 23 do primeiro capítulo da carta aos Romanos é que, não tendo havido evolução do homem, o fato mesmo de sua contínua degenerescência indica uma origem divina e melhor. Êsse homem inexcusável exibe o quanto conhece de Deus e de suas exigências morais no fato mesmo da idolatria, isto é, de tentar reduzir uma idéia da justiça divina às formas grosseiras de arte primitiva. Quem já teve ocasião de examinar êsse tipo de arte não pode deixar de ver nela uma declaração de ira divina. E é êsse conhecimento inato que o mais primitivo dos sêres humanos possui da divindade que o responsabiliza no julgamento a que vai ser submetido.

Por que todos nós teremos que comparecer perante o tribunal.

A manifestação da ira divina em terríveis fenômenos metereológicos deve ter sido, por outro lado, a origem dos totens e fetiches raivosos que povoam os cultos primitivos.

Como afirma Paulo, "dizendo-se sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorrutível em semelhança de homem corruptível e de aves e de quadrúpedes e de répteis.

O homem, criado à imagem e semelhança de Deus, criou, como por vingança, horrendos deuses à sua imagem e simil".

Paulo Lício Rizzo

ESTA E' A TERRA

Onde pode o distinto amigo encontrar a terra em que mana leite e mel? Onde o seu lugar de felicidade espiritual?

Abraão, o nosso pai na fé, ouviu a voz de Deus quando ainda estava na Mesopotamia e nada significava para a nossa felicidade: Sai da tua terra e da tua parentela para uma terra que te mostrarei...

O patriarca saiu, pela fé na promessa de Deus, e chegou a um lugar onde se confirmou, ainda pela fé, o chamado. "Esta é a terra que darei a

ti e à tua parentela e a teus filhos..." Era, todavia, terra difícil de ser descrita como feliz, como de onde manava leite e mel. E Abraão vai para o Egito. Quando, séculos mais tarde, seus descendentes, conduzidos pela terra prometida, apenas os fortes na fé, como Josué e Caleb, entenderam que, de fato, tratava-se dum lugar digno de ser possuído. O que fêz a diferença entre os filhos de Abraão, segundo a fé e os que o são ùnicamente segundo a carne, é justamente a certeza de que Deus fala a verdade mesmo contra a superficial evidência dos sentidos. Isso é fé.

O jovem camponês, após longo dia de árduo trabalho, gostava de se deleitar, mirando, no regresso ao lar, uma casa bem à distância na encosta de alta montanha. As janelas brilhavam de tal forma que o menino as julgava de ouro e diamantes. Num dia de folga resolveu atravessar o vale, subir a montanha e visitar a casa maravilhosa. Foi muito bem recebido por uma pobre senhora e olhou extranhadamente para as janelas, julgando-as obscurecidas por alguma cortina...

— Somos pobres camponeses como você — explicou ela. Não poderíamos ter janelas de ouro ou diamantes. Aliás, o vidro é melhor porque deixa passar luz... Mas se V. quiser ver uma casa com janelas de ouro espere até o pôr do sol que lhe mostrarei.

E o menino viu, de fato, uma casa que brilhava, não só nas janelas, como nas portas. E era a sua própria casa... Aprendeu, então, que sua casa também possuia portas e janelas de ouro e diamantes.

Tudo dependia do Sol. A fé é translúcida como a janela de vidro. Por ela vemos o invisível. Mas é por ela que também brilhamos como ouro ou diamante.

Onde o amigo estiver, não importa o tipo de casa, se o Sol da Justiça aí se reflete, há brilho, pois há fé verdadeira.

Paulo Lício Rizzo

FE' E' MILAGRE

Êste é o título com que Barth inicia o tratamento do capítulo IV de Romanos. Como sabemos Paulo vai encarar o fato histórico da chamada de Abraão para mostrar que sua descendência pela fé abrange todos os que também foram chamados. Antes de Deus falar a Abraão, a vida dessa personagem pouco nos interessa. Antes de Deus falar ao pecador, pertence êste à carne. "Abraão, nosso pai segundo a carne..."

A filiação pela fé é um milagre. Antes da ocorrência do milagre da justificação, que Paulo tão bem está descrevendo ninguém é filho de Deus,

embora tôdas sejam criaturas suas. Todos se desviaram, tornando-se bastardos. A volta à família da fé dá-se ùnicamente por milagre. É um ato excepcional de Deus que escolhe, por sua iniciativa, dentre a generalidade condenada, àqueles que se vão salvar. Isso é milagre: é uma interferência divina contrariando tudo que conhecemos pela humana lógica. Ensina esta que o homem precisa fazer algo para ser salvo. Ninguém jamais escolheu seu novo nascimento na família da fé. Somos geração de Deus. Isso não vem de vós; não vem das obras para que ninguém se glorie... — explica o próprio Paulo.

"Se Abraão fôsse justificado pelas obras, teria em que se gloriar..." Mas, na vida do patriarca, a iniciativa divina é tudo. Sem o chamado teria êle continuado na Mesopotamia, um ignoto entre outros desconhecidos. Sua carreira é a apoteose comum aos heróis de Hebreus 11. Pela fé, tiveram o dom de ver o invisível. E tal fé é dom de Deus. Por isso, conclui Paulo o seu segundo versículo, ainda que Abraão quisesse se gloriar não o poderia fazer diante de Deus, que sabe muito bem quando e onde se iniciou a carreira do nosso pai segundo a fé. Seria ingenuidade alguém se gloriar diante de Deus pela sua salvação. Isso porque Deus mesmo é quem a produz.

Paulo Lício Rizzo

DEUS TEM A INICIATIVA

Como é outorgada ao homem a justificação pela fé?

Êsse detalhe é importante, uma vez que dêle depende a orientação geral da economia da salvação. Se entendemos que o homem é quem se apropria da salvação por causa de sua fé, estamos dando a êsse veículo um caráter meritório. O que Paulo ensina, em magníficos versículos finais do capítulo III de sua carta aos Romanos é que o homem é justificado, isto é, sofre a ação de ser declarado sem culpa. "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça através da redenção que há em Cristo Jesus... (verso 24). É, portanto, um ato divino e não algo que o homem atingiu ou possa atingir. É bom esclarecermos novamente o significado da palavra justificados. Justificar quer dizer declarar ou pronunciar justo. Deve ser distinguido de "fazer justo" ou tornar-se justo que significa a santificação, assunto de que Paulo só tratará mais adiante nesta carta.

Embora justificação e santificação sejam experiências concomitantes na vida cristã, há uma profunda diferença teológica entre ambas.

Colocar o ato do homem, feito em cooperação com o Espírito Santo, para a santificação, antes da justificação é inverter completamente o processo. Deus precisa primeiro justicar-se, depois justificar o pecador para só então começar a obra de santificação. Essa divisão é o próprio esbôço desta monumental carta do apóstolo. Admitir um ato do homem que o conduza à salvação e se esquecer de que salvação, embora para o homem, começa em Deus, "Operai a vossa salvação com temor e tremor" e "sabendo que nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé..." são descrições da santificação. Quem coloca santificação antes da justificação, faz o processo redentor depender da iniciativa humana e não pode explicar a razão de Jesus ter dito: Aquêle que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Daí admitirem a possibilidade de perdição para quem já foi salvo. Mas a idéia mais profunda é que Deus salva por um ato seu, portanto eterno. Essa a segurança dos santos. Depende do decreto de Deus e não de nossa fraqueza.

Paulo Lício Rizzo

RITOS

Em nenhuma das duas dispensações bíblicas, a do Velho e a do Novo Testamento, encontra-se a idéia de que Deus concede qualquer graça ou salvação por meio de observação de mandamentos ou cerimoniais. Os ritos são a sombra e não a substância. São um sêlo. Mas o sêlo não tem valor algum fora do documento em que é colocado. Nada prova e, mesmo que se tenha pago dinheiro para adquirí-lo, ùnicamente ao ser colado na fôlha onde estão expressos têrmos de contrato é que vale alguma coisa. O perigo de tôdas as religiões envelhecidas é o de tirar o sêlo do documento pensando que tem valor em si mesmo. Por mais bem impressa que seja a estampilha, de nada vale a não ser quando afixada a um documento.

O documento na economia da salvação é a promessa de Deus. Êle falou, escreveu e cumpriu. Sua palavra vale, mesmo sem a estampilha. Todavia, para sinal, foi dada aos judeus a circuncisão e a nós o batismo e a santa ceia. Mas sem fé naquele que promete, o sêlo pouco vale. A circuncisão pode ser chamada, bem como os sacramentos cristãos, de palavra visível. Mas é a fé que se apropria da promessa, não o sinal. Não tira essa declaração qualquer valor das ordenanças divinas, mas coloca-as no devido lugar.

Paulo Lício Rizzo

O DIREITO DE NASCER DE NOVO

Ninguém neste espaçoso e vasto planeta escolheu para si o direito de nascer.

Todos nascemos fìsicamente da vontade de nossos pais. Assim também o nascimento espiritual é realizado pela vontade de nosso Pai celestial. Paulo, neste capítulo nono de sua carta aos Romanos, está mostrando que a soberana graça de Deus é absoluta na escolha da progenie dos salvos. Vimos isso claramente nos versos 16 a 19. No verso 20, Paulo percebendo a objeção natural do homem natural e pecaminoso, que ainda não experimentou o novo nascimento, redargue: Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas. Porventura a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sôbre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra? E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição; para que também desse a conhecer as riquezas da sua glória nos vasos de misericórdia que para glória já dantes preparou, quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?"

O direito do novo nascimento foi estabelecido nos decretos eternos de Deus. Homens que atribuem a Deus a causa única em todo o universo material e moral, quando enfrentam o problema da salvação, quase que eliminam a interferência divina que, mesmo aqui, ainda é a causa eficiente.

Deus é o grande pai das almas que se salvam. Êle é quem decide da sua existência, permanência e salvação.

Paulo Lício Rizzo

QUANDO DEUS FALA

Êste Deus é o nosso Deus...

Suas declarações escritas de hoje devem ter tanta fôrça como as feitas audìvelmente e por visões aos patriarcas de outrora. O gênesis de tudo está na simples frase: E disse Deus. O nosso Deus fala com poder cataclísmico na suavidade maternal de cada texto bíblico. Como na experiência de Elias, uma voz mansa e delicada pode conter melhor a palavra de Deus do que o vento, o terremoto ou o fogo. Se quisermos escutar, descobriremos a Sua voz.

A minha palavra não voltará para Mim vazia. Isso é o que Deus declara pelo profeta Isaías e é o que a experiência espiritual confirma.

Deus não fala em vão. Ninguém se aproxima o Santo dos Santos e continua igual ao que era antes. "Ai de mim que vou perecendo... porque os maus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos..." Como Isaías, os homens tremem diante da voz e das manifestações de Deus. Mas, não resta a menor dúvida de que Êle se manifesta.

Pode se manifestar hoje na tua vida, caro leitor, se deres um pouco de tempo para ouvir a sua Palavra. Onde está essa Palavra? Está escrita, como dizíamos no início. Está escrita para que tenhas mais certeza de que ela não muda, pois é expressão de um Deus imutável. Está escrita a fim de que não a confundas com os sons dos homens e dos cataclismas.

Mas de que adianta estar escrita se não te aproximas dela?

Abre hoje a tua Bíblia e dedica-lhe tempo, meditando profundamente em cada versículo. Toma, por exemplo, o capítulo 12 de Romanos. Lê cada frase e medita nela profundamente. Uma série de pensamentos suaves e bons, talvez condenando a tua indiferença pelo próximo, povoaram a tua mente.

É Deus quem te fala nesse instante. Se quiseres escutar e obedecer, Êle se manifestará cada vez mais claramente.

Paulo Lício Rizzo

SANTO OU BOM?

Notem a transferência; em primeiro lugar é por nós, sem nós.

Êle tudo sofre. Mas no momento em que aceitamos que Êle sofreu, eis que tudo muda. Nós sabemos que Êle se sacrificou por nós. Eu nada tive lá. Ah! Se eu pudesse suportar um pouco do sofrimento de Cristo! É certo que eu não poderia. Mas mesmo que pudesse, meu sacrifício de nada adiantaria. E Cristo continuou até o fim a sua obra de expiação na cruz. Nisso acreditando sei, pela fé, que Êle está em mim.

Cristo em mim é o início da obra de santificação. Não podemos querer provocar o processo de santificação antes de sabermos o que Cristo fêz por nós. Quando o pecador chega ao ponto de reconhecer que todos seus pecados pesaram sôbre Cristo na cruz, então percebe que o fato de ser pecador de primeira, segunda ou terceira classe não é o que importa. Êle é pecador.

Como as duas coisas ocorrem concomitantemente, há a tendência de se forçar a ordem teológica em que a justificação vem claramente antes da santificação. Procura-se, então, fazer com que o pecador se santifique primeiro para depois ser salvo. Não é êsse o processo bíblico. Cristo aceita o homem como êle está, redime-o da culpa do pecado e começa a obra

de livrá-lo do poder do pecado. Êste último é um processo demorado que pode levar muitos anos. Assim os que admitem a necessidade preliminar de santificação para a salvação devem, naturalmente, estabelecer um caminho para os céus com passagens demoradas por mundos subterrâneos ou astrais em franca negação da promessa que o Salvador fêz a um ladrão que não poderia mais descer da cruz para se santificar: Hoje mesmo estarás comigo no Paraíso. E, para revelar a eterna e ingênua insistência nos méritos morais para a salvação, convencionou-se naturalmente sem qualquer base nas escrituras, chamar-se a tal individuo de bom ladrão, quando o próprio Jesus estabelecera, ao receber tal elogio dos lábios do moço rico, que ninguém é bom.

E os homens continuam tentando o impossível de se salvarem a custa de serem bons. Ou bonzinhos.

Paulo Lício Rizzo

O SINAL

O êrro comum de se tomar o símbolo como a coisa simbolizada parece encontrar sua origem em algum defeito muito humano de raciocínio que passou mesmo a ser considerado na literatura como figura de grande beleza.

A definição agostiniana de que o sacramento é o sinal visível duma graça invisível não pareceu bastante para evitar outra confusão mais comum, isto é, a de que a coisa invisível precede em importância, cronológica e lògicamente à coisa visível. Assim quando Paulo argumenta em seu capítulo 4.º da carta aos romanos sôbre a circuncisão que foi dada a Abrão como sinal de que êste já fôra salvo pela fé, está certamente procurando dirimir na mente judaica um milenar êrro de raciocínio. "Êle recebeu o sinal da circunscisão como sêlo da justificação pela fé que já possuia antes de ser circuncidado, para se tornar o pai dos que crêem, mesmo que não sejam circuncidados, e o pai da circuncisão para aquêles que não apenas são da circuncisão mas também seguem os passos da fé que nosso pai Abrão tinha antes mesmo de ser circuncidado".

É possível que alguém fique apenas com o sinal e sem a bênção que êle significa? É essa exatamente a tendência muito humana de todos nós. Apesar de ser claro que o espiritual é mais importante do que o material, o homem teima em dar a um sinal externo mais valor do que ao fato interior. No caso de Abraão, pai de todos os que crêem, a circuncisão foi apenas um sinal do grande chamado que o colocou no âmbito da fé, inscrevendo seu nome entre os grandes heróis de que nos fala o capítulo 11 de

Hebreus, onde a declaração de que "sem fé é impossível agradar a Deus" põe um ponto final na tendência de se querer obter o favor divino mediante sacrifícios, sinais exteriores e atos de culto.

Ser filho de Abraão pela fé consiste naquela graça abundante de Cristo nos envolver, cobrindo nossa nudez pecaminosa e fazendo-nos aceitáveis diante de Deus. Outro processo qualquer de salvação pela bagagem da tradição das obras da lei, não sòmente é falho e ineficaz como também é blasfemo pois coloca a criatura em paridade com Deus, o Deus único, de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus que não pode satisfazer sua santidade ofendida por meio de fracas ofertas humanas, mas que necessita do sacrifício eterno de Cristo, seu Filho Unigênito, cuja morte expiou tôda nossa culpa.

Paulo Lício Rizzo

MEA CULPA

A confissão do pecado alheio é o maior obstáculo para a confissão dos nossos.

O pensamento de Paulo evolui do capítulo primeiro de sua carta aos romanos para o segundo justamente nessas linhas. Sabendo que no seu público leitor havia, por certo, muitos homens de formação religiosa tradicional, tinha a certeza de que êles se rejubilariam, movidos por um muito conhecido instinto egoista, com a perspectiva de verem qualificados os gentios, os homens sem lei, na ordem dos perdidos.

Mas, como já fizera no verso 17, Paulo dá agora um volteio de pensamento como que a responder uma dúvida não expressa mas esperada.

O que o apóstolo vai dizer dirige-se a todos os fariseus (e todos nós temos um pouco de farisaismo em nossa religião) que sabem confessar os êrros dos outros com extrema facilidade. Foi Byron, que viveu sob o clima dum puritanismo doentio, quem usou dessa expressão ao censurar certo grupo beato que se reunia em sua universidade: êles choram muito ao confessar os pecados alheios.

Quem não confessa os seus pecados tem muito tempo de confessar os dos outros.

Quem já sentiu o pêso e a dificuldade existentes no simples ato de corrigir suas próprias faltas comprende a miséria e a desgraça dos outros, olhando com simpatia para os que enfrentam a mesma luta. Não usa de sua língua para exagerar e sàdicamente condoer-se dos êrros alheios. Preocupa-se demais com a objetivação de seus próprios êrros para ter necessidade dessa compensação muito conhecida de se ver melhor aquilo que é aparente. O seu ego subjetivo espelha-se na confissão e êle diz como o salmista: O meu pecado está contìnuamente diante de mim.

O fariseu não possui a capacidade de objetivar seus erros. Vê, no entanto, com grande facilidade, os do publicano que está diante de seus olhos.

A confissão do pecado de meu coração faz com que eu compreenda melhor a sua repugnância e que o odeia com mais intensidade do que odeio o pecado alheio.

Êsse o balanço e equilíbrio espiritual que Paulo quer estabelecer.

Paulo Lício Rizzo

ÚNICA SALVAÇÃO

Ao chegar ao terceiro capítulo da carta aos Romanos, convém localizar perfeitamente a que altura estamos no desenvolvimento do tema proposto pelo apóstolo, expresso no cap. I, verso 16, e que, para justificar sua necessidade, exigia a prova de que o homem é, de fato, um perdido.

No caminho dessa prova, o apóstolo mostra (I: 18-32) que o gentio é um transviado, condenado pela própria consciência; depois (II:11-8) volta-se para o judeu, herdeiro da promessa, e demonstra que também, com tôda a tentativa de observar a lei, cada vez mais se condenava à perdição, e, agora, nos versos de 9 a 20, vai invocar o testemunho das Escrituras sôbre o fato de que "todos se desviaram, todos se fizeram juntamente imundos". Começa o trecho perguntando: Pois que? Somos nós mais excelentes? para responder com ênfase: De maneira alguma, pois já antes demonstramos que, tanto judeus como gregos (gentios), todos estão debaixo do pecado. E logo a base bíblica para isso: Como está escrito "Não há um justo, nem um siquer..." E, para mostrar que a justiça salvadora (justificação) não pode vir das obras, dá-nos o verso chave do trecho; por isso nenhuma carne será justificada diante dêle pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado. (v. 20).

E assim, toma ênfase nova e especial o anúncio, feito logo a seguir da justificação pela fé: Mas, agora se manifesta a justiça de Deus, por Jesus Cristo.

Se todos os métodos humanos, de salvação, mesmo os mais elevados como o da lei, não davam ao homem certeza de vida eterna, então, agora se manifesta a justiça de Deus, por Jesus Cristo, para tornar o homem tão justo como o próprio Cristo aos olhos de Deus.

É que a justiça ou retidão de Deus é transferida ao homem injusto por intermédio do Cristo justo. Isso é justiça objetiva de Deus ou justificação. Tira a culpa de pecado que todos os homens possuem, mediante aquêle que não cometendo pecado, se fêz pecado, por nós, para que por êle fôssemos salvos.

Paulo Lício Rizzo

A FONTE DA SANTIFICAÇÃO

Há duas formas de encararmos o problema da santificação.

A mais comum, a que os homens e as religiões mais gostam de empregar, baseia-se numa série de ordens ou de códigos, muitos dêles excelentes como é o caso dos dez mandamentos e do sermão do monte. Tanto na lei de Moisés como no discurso de Jesus, encontramos preceitos magníficos. A primeira nos ensinava o que fazer e o que não fazer com referência a Deus, a nossos superiores e ao nosso próximo. Na plataforma ética do Mestre, pronunciada junto à montanha, encontramos um aperfeiçoamento da lei antiga. "Ouvistes o que foi dito aos antigos... Eu, porém, vos digo... Não vim revogar a Lei mais levá-la à perfeição." De fato, naqueles maravilhosos três capítulos do evangelho de Mateus encontramos o mais profundo espêlho do próprio Cristo, do que Êle faria, se estivesse em nosso lugar. A escada maravilhosa da santificação apresenta-se diante de nossos olhos mortais com certa semelhança à escada de Jacó. Não será tudo um sonho? Os anjos desciam a escada, enquanto Jacó dormia. Será que poderemos subí-la acordados, especialmente quando no seu último degrau lemos aquela impressionante ordem: Sêde vós, pois, perfeitos como é perfeito o vosso Pai celestial?

O apostólo Paulo, embora também apresente a santificação em têrmos de apêlo, procura mostrar um lado mais importante do problema. Que adianta ordenar que os homens pratiquem isto e deixem de praticar aquilo se lhes falta a capacidade para fazer o que se lhes ordena?

Onde o poder para viver santamente? Temos a impressão da leitura atenta da Bíblia que Jesus ao apresentar os magníficos padrões morais do Sermão do Monte procurava justamente fazer com que o homem compreendesse a sua incapacidade natural e total de viver pura e santamente. Mas o mesmo Jesus se apresentou como capaz de saciar tôda sêde espiritual e de satisfazer tôda ância de santificação. "Quem tem sêde venha a mim e beba." "Na verdade vos digo que aquêle que crê em mim do seu interior saltarão rios de água viva..."

Existe, portanto, uma fonte de santificação. O que existe é muito mais importante do que ainda não existe. A fonte de santificação é muito mais necessária do que o processo de melhora moral que eu possa desejar experimentar.

Antes de ordenarmos santificação, precisamos conhecer os fatos sôbre a santificação, aquilo que já é minha propriedade e que me assegura sucesso no caminho estreito que conduz à vida eterna.

E essa fonte é o próprio Jesus, de cujo lado ferido correu sangue e água. Sangue para tirar a culpa do meu pecado e água para me lavar de todo o pecado.

Paulo Lício Rizzo

ORAÇÕES DE PETER MARSHALL

Por várias vêzes temos citado, em UNITAS, o nome de Peter Marshall, capelão do Senado Americano, prematuramente falecido. Procurando dar idéia da essência de suas notáveis preces, insertas no "Congressional Record" dos Estados Unidos, reproduzimos aqui algumas de suas frases mais caracteristicas. *Seleções* publicou recentemente um de seus melhores sermões, "Discípulos de Barro".

— "Ajuda-nos a pesar nossas palavras de modo que elas possam ser de peso e, o que é mais importante, ser um eco de tua vontade, ó Deus".

— "Dá-nos a graça, ó Deus, para impor disciplina rígida sôbre nós mesmos e não sôbre os outros. Ajuda-nos a disciplinar a nossa linguagem de modo que possamos buscar a clareza em lugar da destreza e a sinceridade em lugar do sarcasmo".

— "Ajuda-nos a discordar sem sermos desagradáveis, a diferir sem nos tornarmos dificeis, a sermos honrados sem sermos rígidos; e francos sem sermos ofensivos".

— "Senhor, perdoa-nos por julgar que orar é malbaratar o tempo e ajuda-nos a ver que sem oração o nosso trabalho é malbarato de tempo".

— "Sem Ti, Senhor, discutiremos cada vez mais e faremos cada vez menos"...

— "Senhor Jesus, queremos de Ti direção tal que quando uma coisa for boa nós a vejamos e quando for errada não a proponhamos".

— "Senhor, se nos julgamos demasiado ocupados para orar é porque estamos mais ocupados do que deviamos estar. Fala-nos e faze-nos ouvir as ondas celestes que nunca cessam de fluir".

— "Dá-nos boa saúde e juízo bastante para cuidar dela".

— "Senhor, quando não sabemos o que dizer, permite-nos ficar em silêncio. Quando não sabemos que fazer, permite-nos pedir e encontrar a tua vontade".

QUERO SUBIR COM MEU JESUS

— Letra para hino —

(Escrito duas semanas antes de falecer)

— Quero subir com meu Jesus
Alturas novas alcançar
Quanto mais alto, envolto em luz
Mais perto sinto-me do lar.

— *Côro*:

Senhor Jesus, faz-me subir
Cheio de fé bem junto a ti
Sempre mais alto, eu quero ir,
Para meu lar bem junto a ti.

— Oh! não desejo nunca estar
Onde o engano e a tentação
Impedem-me de ver o lar
Tiram-me a fé e a visão.

— Do mundo livra-me, Senhor
De todo laço enganador
E faz-me andar em doce luz
Sempre mais perto de Jesus.

— Muito mais alto eu vou subir
Muito mais puro eu hei de ser
Muito mais gozo hei de fruir
Nunca jamais hei de descer!

DRA. JUNIA MARINS DA SILVEIRA

—— Moléstias de Senhoras, partos e operações ——

Consultório: Rua 7 de Abril, 118 - 8.º - conj. 602 — Fone: 32-9664

SÃO PAULO

REMESSA DE NUMERÁRIO PARA A REVISTA

Solicitamos aos sócios e assinantes, e a todos quantos mandarem qualquer importância para a revista, o obséquio de usar a seguinte orientação: INSTITUTO DE CULTURA RELIGIOSA. E' favor não enviar importâncias em nome pessoal de qualquer elemento da direção do Instituto ou da revista ÚNITAS.

Guia prático para solução de seus problemas diários - O PODER do PENSAMENTO POSITIVO

NORMAN VICENT PEALE

Um sucesso literário! Aproveite ainda hoje e adquira seu exemplar. Já está quase esgotando a sua primeira edição!
Só nos Estados Unidos foram vendidos mais de 2.000.000 de exemplares dêste livro.
Milhares de pessoas já resolveram seus problemas com a sua simples leitura.
Milhares de pessoas já resolveram seus problemas com a sua simples leitura.

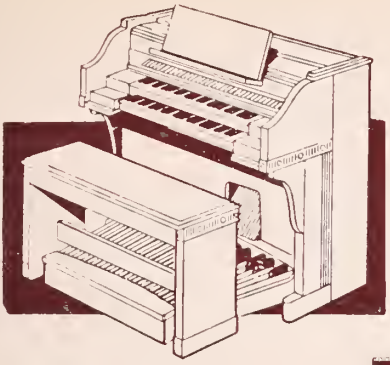
Preço: Brochura — Cr$ 90,00
Encadernado — Cr$ 120,00

Pedidos a: PAULO C. PUPO
Av. 11 de Junho, 829 — Fone 7-8360
SÃO PAULO

UM LIVRO QUE LERÁ E RECOMENDARÁ A SEUS AMIGOS

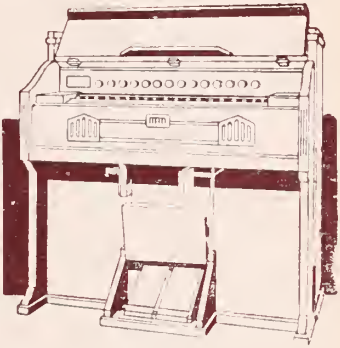
—— **Faça seu pedido pelo telefone ou pelo reembôlso postal** ——

HARMONIUNS, ORGÃOS



de Tubos
e
Eletrônicos
para
IGREJAS
ESCOLAS
LARES

Venha escolher entre 20 modelos diferentes, o de sua preferência e estamos certos de que suas qualidades satisfarão aos mais exigentes. E quanto a preços – são os mais atrativos para qualquer bolsa.



ASSAI ☆ BOHN ☆ PETROF ☆ HAMMOND

quatro marcas que atingiram o pináculo em sua especialidade.

ESCREVA-NOS AINDA HOJE SOLICITANDO CATALOGOS

MUSICAS E INSTRUMENTAIS

CASA **Manon** S. A.

R. 24 DE MAIO, 242 ★ C. POSTAL 568 ★ S. PAULO

Instituto Mackenzie

Rua Maria Antonia, 403 — SÃO PAULO

O Instituto Mackenzie dispõe, atualmente, de três bibliotecas com um total de 34.371 volumes e uma freqüência média de 1.000 alunos diàriamente. Durante o ano de 1956 foram feitos 261.784 empréstimos dos quais 16.955 na Biblioteca Central. Dêstes, 4.306 eram livros técnicos. Cuida-se de ampliar essa secção e planeja-se criar uma nova biblioteca que se destine exclusivamente à Universidade.

IMPRENSA METODISTA — Avenida da Liberdade, 659 — São Paulo

Princeton Theological Seminary Library
1 1012 01471 8706
For use in library only